



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA- UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

IVO FERNANDES DE SOUSA

**CORTANDO FIOS DE VIDA, TECENDO HISTÓRIAS DE AFETO: MEMÓRIAS E
SABERES DAS PARTEIRAS DE SALGADINHO-PARAÍBA (1970-1980)**

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA

2017

IVO FERNANDES DE SOUSA

**CORTANDO FIOS DE VIDA, TECENDO HISTÓRIAS DE AFETO: MEMÓRIAS E
SABERES DAS PARTEIRAS DE SALGADINHO-PARAÍBA (1970-1980)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História,
do Centro de Humanidades da UEPB - Universidade Estadual de
Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do
Título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. José Pereira de Souza Júnior

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725c Sousa, Ivo Fernandes de.
Cortando fios de vida tecendo histórias de afeto [manuscrito] : memórias e saberes das parteiras de Salgadinho - Paraíba (1970-1980) / Ivo Fernandes de Sousa. - 2017.

72 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Me. José Pereira de Souza Júnior, Departamento de História e Geografia - CEDUC."

1. Parteiras. 2. Saber popular. 3. Memória.

21. ed. CDD 981.33



IVO FERNANDES DE SOUSA

CORTANDO FIOS DE VIDA E TECENDO HISTÓRIAS DE AFETO: MEMÓRIAS E
SABERES DAS PARTEIRAS DE SALGADINHO – PARAÍBA (1970 / 1980)

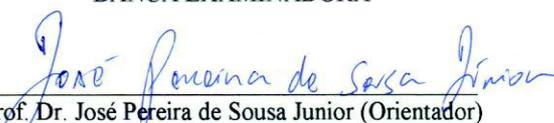
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
História da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento às exigências
para obtenção do grau de Licenciado em
História.

Orientador: Prof. Dr. José Pereira de Sousa
Júnior.

Aprovada em: 24/12/2017

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Pereira de Sousa Junior (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. PhD. Luíra Freire Monteiro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Josinaldo Gomes da Silva
Sec. de Educação do Estado da Paraíba

Dedico essa monografia às mulheres de minha vida: matriarca de minha família e parteira Maria Tereza de Sousa (in memoriam).

A minha mãe Rosemira Maria de Sousa, em especial a senhora Maria Alves “dona Didi”, que foi não só inspiração para a realização desse trabalho, como também memorialista para a concretização do mesmo, mas que infelizmente veio a falecer durante as pesquisas, da qual lembro com carinho do seu sorriso e alegria com os quais me recebeu, no entanto ficarão registrados em minha memória durante toda a minha existência.

Que o seu trabalho seja lembrado por todas as gerações, que mesmo no ceio do Pai sua voz não seja silenciada e seus exemplos sejam passados às gerações futuras.

*Que jamais seja esquecida por seus filhos, netos, bisnetos, demais familiares entre outras pessoas, pois seus pés percorreram grandes distâncias para atender o pedinte; suas mãos colocaram no mundo inúmeros cidadãos salgadinhenses; seus braços deram o primeiro conforto a cada bebê que nascia; seu rosto foi a primeira imagem que inúmeros olhos contemplaram ao entrar nesse mundo de meu Deus. Agradeço a Deus por ter te conhecido **Mãe Didi**.*

AGRADECIMENTOS

A gratidão se estende de forma tão intensa a tantos que esse pedaço de papel se torna pequeno para caber palavras e nomes de pessoas que me foram tão úteis nessa longa jornada: Conclusão da Graduação.

Agradeço inicialmente a Deus. A Ti Senhor a palavra é gratidão. Segundo a minha mãe Rosemira que esteve presente durante esse difícil percurso. Espero que ela esteja alegre porque mesmo sendo analfabeta, não tendo como ensinar as primeiras letras ao seu filho, não mediu esforços acerca dos meus estudos e hoje ver seu filho formado espero que seja motivo de orgulho. Minha querida mãe obrigada pelos ensinamentos e educação que me destes! Gratidão por tudo de bom que me proporcionastes!Agradecimentos a todos os meus familiares.

Agradeço a todos os meus Mestres dentre eles o meu Orientador José Junior; a minha amada professora Luíra Freire, a qual levarei seus ensinamentos comigo não só por sua humildade e exemplo de profissional, mas pelo seu apoio dado no projeto do PIBIC, de modo que foi através da bolsa advinda desse projeto que eu pude comprar os livros para realizar essa pesquisa.É exatamente nesse momento que a alegria se mistura com a tristeza pelo fato de ter que me separar dos meus ilustres colegas de classe que estiveram presentes até aqui.Obrigado a todos pelo apoio e por tudo que partilhemos juntos durante esses quatro anos.Quero mencionar aqui especialmente esses três, Tissiane Gomes, Rodrigo Handerson que foram parceiros de equipe com os quais tive o prazer de dividir vários trabalhos, porém sentirei suas faltas, inclusive do colega Augusto de Lima por ter me acolhido em seu lar a cada vez que necessitei.

Quero agradecer a todos os meus professores da Educação Básica especialmente aos Historiadores Josinaldo Gomes que foi o meu “Mestre de ofício”, não presente só na Educação Básica, como também me auxiliou na composição desse trabalho. Ainda a Juací Oliveira que me cedeu sua monografia para as minhas pesquisas.

Por fim quero agradecer a cada entrevistado que me permitiu mergulhar em seu passado, que compartilhou comigo suas experiências e histórias de vida. Agradeço a confiança que depositaram em mim.

Meu muito obrigado a todos!

“[...]Pegue D. Juvita, mastigue essa capinha de fumo e não se incomode. É do bom! *Aguenta nas oração, muié!* (vozes rezando) Mastiga o fumo, D. Juvita... Capitão Barbino, tem *cibola* do Cabrobró? - Ai Samarica! Cebola não, que eu espirro. - Pois é prá espirrar mesmo minha *fi'a*, ajuda. - Ui. - Aproveite a dor, minha *fi'a*. *Aguenta nas oração, muié.* (vozes rezando) Mastigue o fumo D. Juvita. - Capitão Barbiino, *bote* uma faca fria na ponta do dedão do pé dela, *bote*. Mastigue o fumo, D. Juvita. *Aguenta nas oração, muié.* [vozes rezando alto]. - Ai Samarica, se eu soubesse que era assim, eu num tinha casado com o diabo desse *véi* macho. - Pois é assim *merm'* minha *fi'a*, *vosecê* casou com o *vein'* pensando que ela num era de nada? Agora cumpra seu dever, minha *fi'a*. Desde que o mundo é mundo, que a *muié* tem que passar por esse *pedacinh'*. Ai, que saudade! *Aguenta nas oração, muié!* (vozes rezando alto). Mastigue o fumo, D. Juvita. - Ai, que *dô!* - Aproveite a *dô*, minha *fi'a*. Dê uma garrafa pr' ela *soprá*, dê. Ô, *muié*, hein? Essa é a oração de S. *Reimundo*, *mermo?* - É..é (muitas vezes). - *Vosecês num sabe* outra oração? - Nós num sabe... (muitas vezes). - Uma oração mais forte que essa, vocês *num têm?* - Tem não, tem não, essa é boa (muitas vezes) - Pois deixe comigo, deixe comigo, eu vou rezar uma oração aqui, que se ele num nascer, ele *num tá nem cum* diabo de num nascer: "Sant' *Antoin* pequenino, *mansadô* de burro brabo, fazei nascer esse menino, com mil e seiscientos diabo!".

(Composição: Luiz Gonzaga, 1979)

RESUMO

O ofício de partejar demonstra a herança ancestral do ser humano de se relacionar com o próximo em meio às dificuldades que esse mesmo meio oferece a existência humana. No Brasil é considerado uma herança cultural herdada que foi passando de geração a geração em períodos históricos anteriores. Em Salgadinho esse ofício está presente desde a fundação do município, sendo assim temos uma das importantes contribuições das mulheres para a formação da sociedade Salgadinhense e da cultura local. Isso porque a cultura possui papel importante no cotidiano das pessoas que a compõem, a exemplo da atividade que a parteira exerceu e sua influência sobre a sociedade quando se trata de valores culturais, crenças, costumes, atitudes e de ajudar a conceber vidas mesmo sem saber científico ou médico e trabalhando na informalidade, apesar de que com a evolução dos tempos e da história novas formas de valores foram construídas, porém que a naturalidade desta função, em detrimento do avanço tecnológico, uma vez que é um saber e prática popular seja resgatada através da história, memória e das novas abordagens com intensificação do debate historiográfico, sobretudo buscando perceber se fato do passado, a exemplo desse estudo ainda podemos ver hoje e se as representações das parteiras nesse lugar de pertencimento e a nível nacional ainda prevalecem. Nessa pesquisa desenvolvemos um trabalho de campo voltado para a história oral local, onde por meio da trajetória de vida dessas mulheres busquemos descobrir seus saberes, práticas e meios de se relacionar com o corpo da parturiente e do nascituro. Desenvolvemos essa pesquisa a partir de um recorte temporal e espacial como estão elencados: o estabelecimento do ofício 1970-1980, período de maior atuação dessas mulheres. A pesquisa está caracterizada como bibliográfica e documental. O trabalho de campo foi realizado nas residências dessas mulheres, localizadas nas diversas comunidades que formam o município de Salgadinho – PB. Utilizemos como instrumentos, relatos concedidos através de entrevistas, parte do acervo da própria depoente, Arquivo da Prefeitura Municipal, Câmara dos Vereadores de Salgadinho e discursos dos autores. Os resultados encontrados mostraram que as parteiras contribuíram com a cultura local e crescimento dessa população.

Palavras-chave: História; Memória; Prática; Saber popular.

RESUMEN

El oficio de parterar demuestra la herencia ancestral del ser humano de relacionarse con el prójimo em medio de las dificultades que esse mismo medio ofrece la existencia humana. En Brasil es considerado una herencia cultural heredada que fue pasando de generación a generación en períodos históricos anteriores. En Salgadinho ese oficio está presente desde la fundación del municipio, siendo así tenemos una de las importantes contribuciones de las mujeres para la formación de la sociedad Salgadinhense y de la cultura local. Esto porque la cultura tiene un papel importante em el cotidiano de las personas que la componen, a ejemplo de la actividad que la partera ejerció y su influencia sobre la sociedad cuando se trata de valores culturales, creencias, costumbres, actitudes y de ayudar a concebir vidas incluso sin saber científico o médico y trabajando em la informalidad, a pesar de que con la evolución de los tiempos y de la historia nuevas formas de valores fueron construidas, pero que la naturalidad de esta función, en detrimento del avance tecnológico, una vez que es un saber y práctica popular sea rescatada a través de la historia, memoria y de los nuevos enfoques com intensificación del debate historiográfico, sobre todo buscando percibir si el pasado, a ejemplo de este estudio todavía podemos ver hoy y si las representaciones de las parteras em ese lugar de pertenencia y a nivel nacional todavía prevalecen. En esta investigación desarrollamos un trabajo de campo orientado hacia la historia oral local, donde por medio de la trayectoria de vida de esas mujeres buscamos descubrir sus saberes, prácticas y medios de relacionarse com el cuerpo de la parturienta y del no nacido. Desarrollamos esa investigación a partir de un recorte temporal y espacial como están enumerados: el establecimiento del oficio 1970-1980, período de mayor actuación de esas mujeres. La investigación está caracterizada como bibliográfica y documental. El trabajo de campo fue realizado em las residências de esas mujeres, localizadas em las diversas comunidades que forman el municipio de Salgadinho - PB. Em el caso de que se produzca un cambio em la calidad de la información, los resultados encontrados mostraron que las parteras contribuyeron com la cultura local y el crecimiento de esa población.

Palabras clave: Historia; Memoria; Práctica; Saber popular.

LISTA DE IMAGENS

| | |
|---|-----------|
| Imagem 1 - Localização de Salgadinho..... | 17 |
| Imagem 2 - Gravuras da Grotta do Morcego | 18 |
| Imagem 3 - Gravura da Gruta do Morcego | 18 |
| Imagem 4 - Pedra do Letreiro | 19 |
| Imagem 5 - Pedra do Letreiro da Igrejinha | 19 |
| Imagem 6 - Pinturas na Pedra da Moça | 20 |
| Imagem 7 - Ata da sessão de Emancipação política de Salgadinho | 22 |
| Imagem 8 - Maternidade Municipal Dr. Libero Massa..... | 26 |
| Imagem 9- Maria Alves, mãe Didi | 51 |
| Imagem 10 - Iraci Maria, mãe Iraci..... | 53 |
| Imagem 11 - Luisa Paulina | 54 |
| Imagem 12 - Maria Francisca, dona Dondom..... | 56 |
| Imagem 13 - Maria Tereza, dona Maria..... | 57 |
| Imagem 14- Maria Josefa, Maria de Lourdes | 59 |
| Imagem 15 - Severina Maia, dona Nininha | 60 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| CAPÍTULO I: RESGATANDO O PASSADO DE SALGADINHO: | 17 |
| 1.1 Histórico e origens do município | 17 |
| 1.2: Demografia do Município – 1970 | 23 |
| 1.3: Aspectos climáticos, econômicos e políticos da região salgadinhense..... | 23 |
| CAPITULO II: DEBAIXO DE SOL OU CHUVA: COTIDIANO DAS PARTEIRAS | 28 |
| 2.1: “Acorda comadre que vai nascer menino” | 28 |
| 2.2: Cortando Fios de Vida: práticas materiais no partejar | 29 |
| 2.3: Uso de materiais antes e durante o parto: preparando a grávida e aliviando a dor | 30 |
| 2.4: Uso de materiais após o parto: Cortando fios e separando vidas | 32 |
| 2.5: Sagrado Feminino: Práticas espirituais..... | 33 |
| 2.6: A Ladainha das Grávidas: Ritos e rezas..... | 35 |
| CAPITULO III: PRÁTICAS NO PÓS-PARTO..... | 38 |
| 3.1: Comadre, cuidado com o resguardo: mulheres que cuidam | 38 |
| 3.2: Minha Mãe de Umbigo: práticas e crenças em torno do recém-nascido..... | 41 |
| 3.3: Umbigo: Práticas de curas..... | 42 |
| 3. 4: Com o futuro em suas mãos: Práticas e ritos após a queda do umbigo..... | 43 |
| 3.5: Enfim comadres: O batismo como forma de gratidão à parteira. | 45 |
| CAPITULO IV: RESULTADOS E DISCUSSÃO: MULHERES EM CENA E O OFÍCIO DE PARTEJAR NAS ENCRUZILHADAS DO TEMPO - SALGADINHO..... | 47 |
| 4.1: As mães de umbigo..... | 49 |
| 4.2: O Ofício de partejar como herança | 49 |
| 4.3 Entre história e memória: parteiras que atuaram no município de Salgadinho | 49 |
| 4.4: Parteira por necessidade e as esclarecidas | 55 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 64 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 67 |
| FONTES ORAIS:..... | 71 |
| APÊNDICE (A) | 72 |

INTRODUÇÃO

O discurso proferido por J. Rezende no livro *Obstetrícia* (1979), apresenta o conceito de parteiras e como era o seu reconhecimento na sociedade de outrora:

Refere-se ao cuidado prestado pelas primeiras parteiras como sendo guiado pela ignorância e por pouco discernimento. Eram transmitidos de geração em geração práticas desarrozoadas, feitiços e crendices, bebidas repugnantes e flagelações que mais poderia complicar a parturição do que auxiliar [...] as mulheres mais velhas [...] eram ignorantes, feiticeiras, sendo os seus préstimos discutíveis. (REZENDE *apud* ACKER et. al, 2006, p.648)

A cultura de partejar foi uma atividade desenvolvida tipicamente por mulheres que estiveram presentes em várias cidades do Brasil em épocas e espaços diversos. Nos reportando à sociedade salgadinhense, elas surgiram como meio de se sobressair a uma situação, sobretudo da falta de políticas públicas de saúde de assistência à mulher, tanto gestantes, como as que estava em trabalho de parto. Naquele contexto, não havia médicos especializados no atendimento à mulher grávida, enfermeiras e hospitais; faltava dinheiro para financiar o deslocamento da grávida para as cidades (Patos e Campina Grande) que faziam esse tipo de atendimento nesse período.

Logo, essas dificuldades impulsionaram mulheres a aprenderem a arte de parturição. Observamos a partir do referido discurso que mesmo sem o saber científico e trabalhando na informalidade, parteiras apesar de vistas como ignorantes, estas consideradas incapazes de auxiliar no parto por serem tachadas de feiticeiras, essas mulheres deram sua contribuição à cultura local, regional e nacional.

No primeiro momento esse aprendizado foi ocasionado por tradição familiar; no segundo momento por necessidade ou por orientação de um médico, valendo destacar que essas mulheres comuns, são elas as protagonistas em nossa escrita e foco principal desse trabalho. Nessa pesquisa estamos tratando de rostos marcados pelo tempo, sendo que essas marcas não demonstram simplesmente as suas idades, também o saber de uma época que se protagonizaram ao longo da história.

Ao seu redor, acreditamos que estavam os olhos ansiosos e as fortes expectativas do pai à espera da chegada do seu filho (a); em suas mãos estavam as vidas da mãe e da criança que estava para nascer; em seu pensamento o desejo de fazer o melhor; em seu coração a devoção às santas auxiliares das grávidas; em seus lábios, os constantes rogos pelas vidas para que corresse tudo bem. Desvendando o poder das mãos dessas mulheres, sabendo que “[a] mão nunca é somente uma mão, é a pessoa humana que através dessa mão revela um modo de ser”. (BOFF *apud* MAIA, 2001, p.54)

Entendemos que os autores citados estão nos revelando que mãos faltam dedos para que possam contar a quantidade de partos; e em suas memórias algumas lembranças já não estão tão claras como as do primeiro parto ou do último. Até nos silêncios, ou melhor, nos esquecimentos, suas experiências irão falar. Sairemos em busca de flores para extrair delas a essência para produzir nosso perfume.

Lembrando que por meio da prática de partejar podemos extrair aspectos sociais, econômicos, culturais, e mentais de uma época, como podemos perceber pelo relato de Severina Maria do Maia, conhecida como dona Nininha que falando sobre o ofício das parteiras nos declara:

Então para uma pessoa fazer uma coisa dessa sem ele ser parteiro e sem nada é preciso uma graça de Deus, a graça foi Nininha, eu digo foi Nininha não, quem fez foi Nosso Senhor Jesus Cristo e Nossa Senhora, que é a mãe das parteiras foi ela que fez não foi eu não. Eu achei de assistir aqui ajudando no que podia fazer, essa ai foi Deus não foi eu não. [Grifo nosso]

Nesse sentido, esse trabalho nos trouxe a possibilidade de analisar as representações que as mulheres construíram de si mesmas, como está exposto no artigo *As Mulheres na Historiografia Brasileira* “produzindo um alargamento do discurso historiográfico”. (RAGO, 1995, p. 81)

Reconhecendo-as para além do espaço do lar e da sombra do homem, como protagonistas de sua própria história, narradoras de suas experiências, trazendo-as dos bastidores ao palco da história, fazemos os seguintes questionamentos: Essas mulheres desempenharam alguma função social de importância no seu cotidiano? Qual foi essa função? Onde atuaram essas mulheres? E qual a participação delas na construção da sociedade em que estavam inseridas?

Fazer a abordagem da temática feminina em uma produção acadêmica não é algo fácil, já que o objeto de estudo foi colocado nos bastidores da produção histórica durante muito tempo, uma vez que “[o] ofício do historiador é um ofício de homens que escrevem a história no masculino”. (PERROT, 1988, p.185)

Entendemos que tivemos uma marginalização da mulher. E isso se torna ainda mais complexo em se tratando da mulher sertaneja, quando apresentamos aqui as memórias de Maria Alves dos Santos, conhecida como mãe Didi; Maria Josefa de Conceição, conhecida como Maria de Lourdes; Luisa Paulina de Medeiros, conhecida como dona Luisa; Irací Maria de Gouveia, conhecida como mãe Irací; Sebastiana Maria do Maia, conhecida como dona

Nininha; e Severina Maria de Jesus, conhecida como dona Dondom; e Maria Tereza de Sousa, conhecida como dona Maria.

Enfatizamos que essas mulheres não tiveram suas histórias abordadas em nenhuma produção, exceto a senhora Maria de Lourdes que já teve parte de sua história resgatada pelo historiador Josinaldo Gomes, trazemos, portanto a maioria das histórias inéditas na construção de nossa pesquisa.

Salientamos que todas elas são mulheres que moravam ou ainda moram em vilarejos ou sítios, em casas simples, disponibilizando de poucos recursos ao seu favor, vivendo predominantemente na zona rural, tendo sua sobrevivência relacionada ao regime de chuvas e a fertilidade do solo, as quais dividiram o seu tempo entre a agricultura, os cuidados do lar e ofício de partejar. Atualmente todas são aposentadas e algumas ainda trabalham na roça.

Neste trabalho temos nos dedicados a discutir a importância social que teve a atuação das parteiras na conjuntura em estudo, analisando aspectos do cotidiano dessas mulheres, seus usos, práticas que adotaram e representações que essas fazem de si.

No que diz respeito a essas representações, Chartier (1991, 184) afirma:

A palavra “representação” atestam duas famílias de caráter aparentemente contraditórias: por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que se supõem uma distinção clara entre o que representa e o que é representado, de outro é uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou pessoa.

Analisando suas formas de atuação, suas dificuldades, colocando essas mulheres como agentes históricos e produtores do espaço social reconhecemos o seu valor social e suas representações na sociedade em que estas encontravam-se inseridas. Com isso verificamos como as parteiras do município de Salgadinho representaram bem o seu ofício. Basta as exposições apresentadas nas fontes históricas associados aos discursos proferidos por pessoas que as conheciam.

Daí a importância de se trabalhar a história oral local observando e identificando fatos passados e posicionando-se sobre eles mediante um olhar crítico frente a realidade que nos cerca, além de relacionar a História observando as experiências deixadas pelas mulheres em tempos anteriores e analisando a situação contemporânea da mulher fazendo uma comparação com o passado. Com isso torna-se essencial tratarmos da história local e do cotidiano através de uma reflexão introduzindo vivências sociais e como essas vivências são vistas pela sociedade em que os cidadãos estão inseridos.

Apesar da temática feminina está em amplo debate, há ainda, muito a ser escrito sobre elas, principalmente na contemporaneidade devido à atuação do movimento feminista, a presença das mulheres como agentes ativos na história que tem sido uma problemática mais debatida. Tratando de perceber as mulheres nesse campo de trabalho por meio de sua sabedoria, buscando desvendar as táticas, sendo essas definidas por Certeau como a “arte do fraco” (CERTEAU, 2014, p. 95)

Tratemos de investigar rostos escavados pelo tempo, adotamos as perspectivas das madrinhas, das comadres, das mães de umbigo, como assim ficaram conhecidas essas guerreiras que buscaram por meio da sabedoria se sobressair onde não tinham nem um tipo de assistência de saúde, isso assegurando o parto como uma manifestação da cultura popular já que “quando desejamos compreender a cultura das classes percebemos que ela está ligada à existência e à própria sobrevivência destas classes” (BOSI, 2008, p. 15).

Nossas protagonistas apresentadas nesse trabalho demonstraram atos de coragem ao sair de casa à noite para atender quem necessitava de ajuda com força de vontade ao percorrer longas distâncias a pé até a casa da grávida, sendo que estas demonstravam sabedoria ao contornar as dificuldades com as quais se deparavam no exercício do ofício e abnegação ao fazer tudo de forma voluntária, não cobrando por seus serviços. Muitas delas apesar do não conhecimento teórico demonstravam na prática o seu saber.

Busquemos discutir aspectos materiais da maternidade ao lidar com o corpo da mulher e da criança, com aspectos espirituais nos ritos do parto, por meio das suas rezas, pois a parteira como uma sacerdotisa vai aos pés do sagrado interceder pelos outros.

A dominação masculina é algo que passa do econômico, atinge o social chegando às páginas da história pelo fato de que “O mundo sempre pertenceu aos machos”. (BEAUVOIR, 2016, p. 95)

Analisemos que durante toda a história da humanidade o machismo é um continuísmo de tempos passados, mais mesmo em meio a essa dominação masculina as mulheres traçaram estratégias e por meio de seus saberes deixaram suas marcas na história, e é exatamente essa análise que iremos fazer nesse trabalho, da mulher que é protagonista de sua história.

A história inseriu em suas pesquisas temáticas grupos sociais que antes não faziam parte de seu interesse, devido ao predomínio na história de um pensamento “falocrata” (PERROT, 1988, p.186), o qual privilegiava os atos dos homens, por esses ocuparem os lugares políticos e econômicos, decidiam os rumos que a sociedade tomava, restando às mulheres o silêncio histórico.

No século XIX, com a ascensão do modelo de história positivista com sua obsessão por temáticas públicas e políticas que acabou colocando no anonimato as mulheres em suas produções, pois na construção das mesmas tinham preferências por fontes oficiais onde as mulheres raramente aparecem. A escola dos *Annales* que se voltava para a história dos seres vivos e concretos, embora não incorpore as mulheres em suas produções contribuiu para que isso acontecesse futuramente.

Com o marxismo a partir de 1960, através da corrente revisionista que vem a assumir como objeto de estudo as massas populares, entre elas as mulheres, faz uma abordagem da trajetória feminina na história. Mas foi com o movimento feminista nos anos 60, nos Estados Unidos que a história das mulheres ganhou um impulso maior. (SOIHET, 1997, p.275-276)

Esses estudos se espalharam pela Europa e isso só foi possível, segundo Michelle Perrot, devido a três fatores: primeiro o científico com a influência da antropologia e a demografia histórica que passam a trabalhar com temas como a família e o corpo, assuntos de domínio feminino; em segundo estão os fatores sociais que com a presença das mulheres na universidade proporcionou a essas o direito de escreverem a própria história e finalmente o fator político onde as mulheres passaram a lutar por seus direitos, saindo por meio dessa luta dos bastidores da história. (PERROT, 2016, p.19-20)

Uma produção europeia que se dedica exclusivamente a abordagem feminina é o livro “*O Segundo Sexo*” da filósofa francesa Simone de Beauvoir publicado em 1949, portanto anterior ao movimento feminista. Nessa obra, a autora revela os desequilíbrios de poder entre os sexos e demonstra que isso foi resultado de todo um processo histórico que ultrapassou os anos e chegou aos nossos dias.

A onda feminista chega ao Brasil na década de 70, e uma historiadora dedicada a essa perspectiva de história das mulheres é Mary Del Priore que organizou o livro “*História das Mulheres no Brasil*”, no qual ela reuniu uma gama de textos que fazem uma abordagem diversificada das mulheres, temos textos que tratam das mulheres indígenas até as mulheres no mundo moderno.

A metodologia de pesquisa que desenvolvemos foram entrevistas, sendo mediadas por pessoas que conheciam essas mulheres, damos ênfase aos relatos orais gravados em vídeo e áudio com o fim de descobrir aspectos do cotidiano dessas mulheres, já que “a fonte oral pode acrescentar um dimensão viva, trazendo novas perspectivas á historiografia, pois o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas os escritos”. (MATOS; SENA, 2011, p.95)

Sobre o uso da História Oral, Thompson (1992) nos relata:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se método bastante promissor para a realização de pesquisas em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser memória de muitos, possibilitando a evidência de fatos coletivos.

Essa metodologia vem sendo “instrumento dos mais adequados para registrar a memória feminina, na medida em que o acesso à escrita não se deu no mesmo ritmo dos homens” (SOIHET, 1997, p. 296), por isso quase não produziram documentos na perspectiva da memória e história oral como nos mostra Amado e Ferreira (2006):

Na história oral, o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes; a instância da memória passa, necessariamente, a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes. (AMADO; FERREIRA, 2006, p.15)

Por não termos o passado como aconteceu, mais fragmentos desse que foram criados e recriados com o tempo, recorreremos à entrevista de vida com o objetivo de dar voz a elas que participaram ativamente na dinâmica do espaço social de Salgadinho e também a temática com o objetivo de direcionar seus depoimentos, sabendo que:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. (BOSI, 1994, p. 55)

Inicialmente pensamos que seria algo constrangedor para as parteiras por essa pesquisa trazer à tona fatos íntimos de suas histórias e de seu modo de relacionar com o corpo, mas a cada nova entrevista nos surpreendíamos e percebíamos a alegria dessas mulheres ao compartilhar os fatos de sua vida, pois elas viam nessa pesquisa a possibilidade de não deixarem suas histórias de vidas no anonimato. Pensamos que teriam vergonha de compartilhar suas experiências, mas nos surpreendemos e nos utilizamos desses relatos para saber mais detalhes não só do relacionamento entre as parteiras e suas comadres, como também recuperar aspectos sociais da época em estudo pelos relatos e quem vivenciou.

Nosso objetivo geral foi: Analisar como ocorreu a atuação das parteiras e suas contribuições para a formação e cultura do município de Salgadinho – Paraíba.

De forma específica nosso objetivo foi: Discutir sobre a história, experiências de vida, marcação do tempo e cotidiano das parteiras que atuaram em Salgadinho nas décadas de 1970 - 1980.

Os sujeitos investigados foram às parteiras que desenvolveram seus trabalhos no Município de Salgadinho – Paraíba.

Para a análise dos dados utilizamos os relatos concedidos através das entrevistas.

Esta Monografia encontra-se dividida em quatro capítulos:

O Capítulo I, trata de uma discussão pensada no sentido de reconstruir o espaço social no qual atuaram essas mulheres, abordando a origem do município de Salgadinho, aspectos políticos da época, passando pela questão econômica para que possamos entender o contexto histórico e de que forma deu-se o seu surgimento.

No Capítulo II, Trataremos dos aspectos do cotidiano das parteiras, traçaremos sua zona de atuação, analisaremos as redes de afeto que envolve o relacionamento da parteira e parturiente, bem como as praticas adotadas por essa no exercício do ofício de partejar.

No Capítulo III, Trataremos das praticas que se manifestam no pós-parto, os cuidados com o resguardo, a cura da chamada “tripa do imbigo” e os locais de enterramentos dados a essa parte.

No Capítulo IV, Apresentamos as parteiras que atuaram na comunidade local, demarcando as forma como se deu o aprendizado do ofício.

Nas Considerações Finais relatamos os dados encontrados nessa pesquisa mais o ponto de vista do pesquisador Ivo Fernandes. Expomos a importância, contribuição e atuação dessas mulheres durante as décadas de setenta e oitenta em Salgadinho, analisando sua forma de atuação, suas dificuldades e colocando-as como agentes históricos e produtores do espaço social.

CAPÍTULO I: RESGATANDO O PASSADO DE SALGADINHO:

1.1 Histórico e origens do município

O município de Salgadinho ocupa uma área de 184 240 km². Está localizado a 246 km, da capital paraibana, João Pessoa. O território do município fica situado na zona de transição entre o cariri e o sertão paraibano, porém está localizado no Alto Sertão. Geograficamente, o município faz divisa ao Norte com os municípios de Santa Luzia e Junco do Seridó, ao sul com Taperoá, ao leste com Assunção conhecida na época em estudo como Estaca Zero, e ao Oeste com Areia de Baraúnas. É cortado pelo rio da Farinha sendo esse mesmo um rio temporário. Tem uma população estimada segundo o IBGE de 3.927 habitantes com uma densidade de 19,4 hab./km².

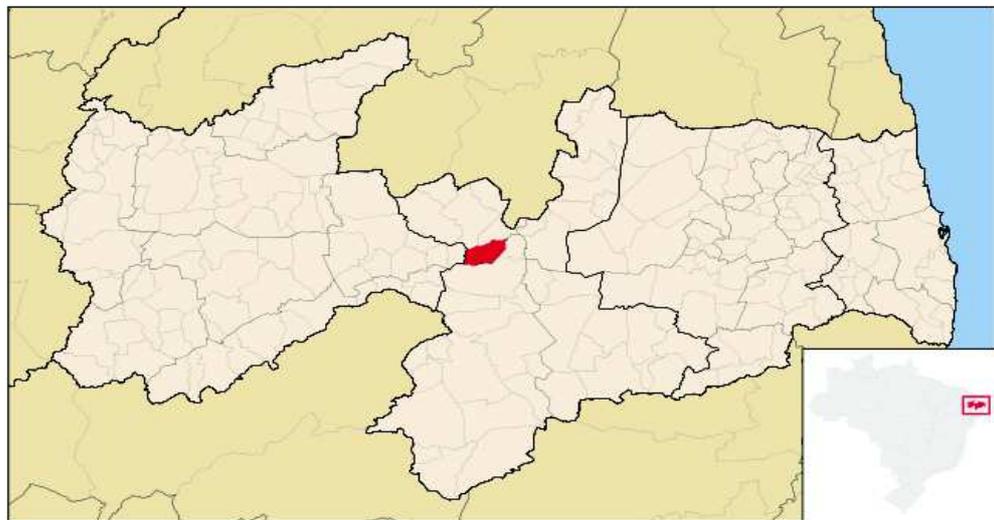


Figura 1 - Localização de Salgadinho

Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu

Tornou-se um desafio recuperar a história de Salgadinho, pois grande parte da história produzida na Paraíba tem dado um especial lugar à tríade João Pessoa, Campina Grande e Patos, excluindo assim as demais cidades que compõem o Estado, sendo assim, trato aqui nesse trabalho de uma cidade com memória, mais sem história.

De acordo com Pesquisas realizadas pelo historiador Josinaldo Gomes, no texto não publicado ainda a presença humana no município data do período pré-histórico, fato que pode ser comprovado por meio de inúmeros achados de registro de pinturas rupestres, sendo que a maior concentração se encontra em uma gruta local, localizada perto da sede do município

que não foram datadas ainda, mas que foram estudadas pelo pesquisador Vanderley de Brito chamado *A Pedra do Ingá*, mesmo com esse título em especial o livro trata de vários sítios arqueológicos espalhados pela Paraíba.

Sobre as pinturas encontradas na Gruta do Morcego como é chamado o local por ter uma fonte de água próxima Vanderley de Brito nos informa:

Foram identificados três painéis gráficos voltados respectivamente para o Sul, para o Oeste e para o Norte. Apenas este último não apresenta vestígios de pintura fato provavelmente relacionado com a proximidade do leito do riacho, pois os demais só apresentam pinturas na localidade mais altas. Em sua extremidade Leste no plano mais elevado, foram identificados pinturas em vermelho, dentre as quais uma mão esquerda carimbada e um possível lacertídeo gravado e contornado de tinta.



Figura 2 - Gravuras da Grota do Morcego

Fonte: Vanderley de Brito



Figura 3 - Gravura da Grota do Morcego

Fonte: Juliana Alves

Pesquisas recentes que estão sendo realizadas no município com a finalidade de fazer um levantamento do patrimônio histórico e cultural local, encontraram outros sítios arqueológicos como veremos pelas imagens: A Pedra do Letreiro no sítio Acauã.

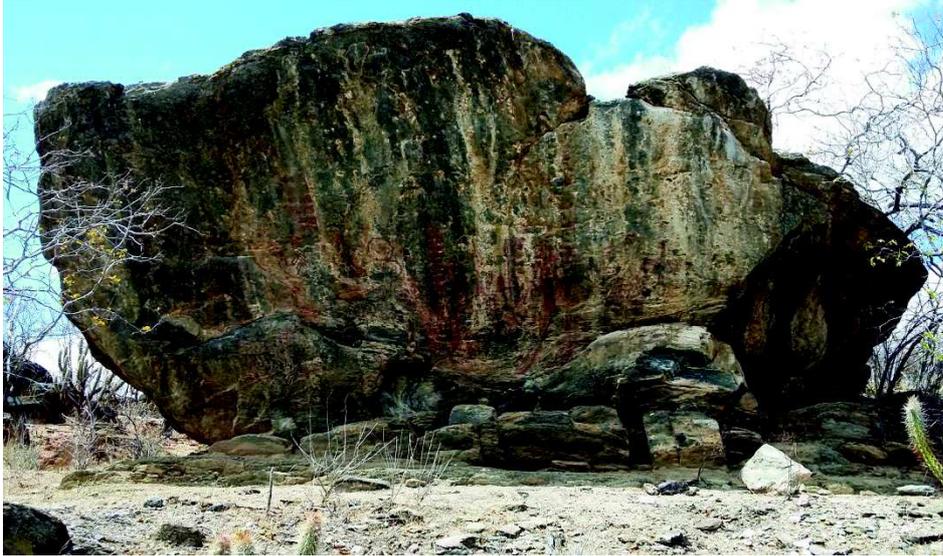


Figura 4 - Pedra do Letreiro

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

A Pedra do Letreiro da Igrejinha, localizada no sítio de um proprietário local entre Serraria e Salgadinho.



Figura 5 - Pedra do Letreiro da Igrejinha

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

A Pedra da Moça é localizada no mesmo sítio, só que ela é a maior pedra com petroglifos localizada até agora.



Figura 6 - Pinturas na Pedra da Moça

Foto: Arquivo pessoal do pesquisador

Antes da colonização portuguesa o território de Salgadinho era habitado por tribos que, foram chamados de Tapuias, que foram extintas com a sucessiva marcha colonizadora que se interiorizou pelo Sertão em busca de áreas para a formação de pastos no final do século XVII e início do século XVIII, essa região onde se encontra Salgadinho foi conquistada por Theodósio de Oliveira Lêdo em 1696, sendo o domínio dessa região foi marcada pelos intensos conflitos com povos indígenas locais.

É provável que nessa região tenha tido uma grande circulação de índios e colonos, iniciado no século XVI até o século XX, há relato de conflitos entre índios e produtores rurais por conta dos saques promovidos pelos indígenas aos seus roçados, essa movimentação de povos na região de Salgadinho intensificou-se com a conclusão da obra de construção da estrada de rodagem que ligava o Sertão, Cariri e Agreste do estado sendo que essa obra se aproveitou das rotas que antes eram utilizadas pelos tropeiros do cariri.

Com base em pesquisas locais, as primeiras residências locais foram fixadas pelo senhor Domingos Pascoal, por volta de 1920 onde hoje é a sede do município, que construiu também a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo que é a padroeira do município e também o Cemitério Público local que leva o nome de São Domingos, essa fixação de moradias no município na década de 20 é questionada pela presença de um Engenho antigo possivelmente no mínimo do século XVIII na comunidade do Bonfim dos Job e também pelas ruínas de uma igreja cuja história é desconhecida por muitos, mas segundo relatos foi construída por duas freiras que estão enterradas no local.

Foi durante o ano de 1940 que o município sofre uma grande transformação na área de mobilidade, pois pela sua posição privilegiada entre Campina Grande e Patos, na década de 40, Salgadinho se torna ponto de parada para caminhões que faziam o transporte de produtos agrícolas para Campina Grande, sendo que o principal produto que liderava essas viagens era o algodão, sendo assim de passagem pelo município esses motoristas fazia parada e se estabelecia no Hotel de dona Odete, ponto comercial de grande importância não só para a economia, mas também para a história do município. Foi logo em seguida na década de 50 que Salgadinho vivenciou uma das maiores experiências da chegada do modernismo em solo salgadinhense, com a chegada do trem de ferro que não transportava passageiros, mais só cargas para as regiões de Patos.

Com base na pesquisas do Historiador Josinaldo Gomes, a década de 60, foi um grande marco na história de Salgadinho, tendo em vista que essa cidade se torna ponto de parada não só de caminhões, como também de trens, o que favoreceu Salgadinho foi o fato de que nessa época o trecho da BR-230 que liga Campina Grande á Patos ainda não tinha sido asfaltado, sendo assim, a estrada Central que cortava Salgadinho era a principal rota em uso que interligava Patos e Campina Grande, sendo que essa obra de pavimentação só foi iniciada em 1969, durante o governo de João Agripino.

Foi no ano de 1960 que Salgadinho consegue uma grande vitória no campo político, o de passar de distrito, para se tornar município independente. Essa conquista foi resultado de um movimento interno encabeçado por fazendeiros e políticos locais que conseguiram a emancipação política do município, sendo que foram participantes desse movimento nomes já consagrados na história local como: Felizardo Trindade de Figueiredo, Cícero José Maciel, Joaquim Marcolino Guimarães, José Morais da Silva, Pedro Leite da Nóbrega, e José Bezerra de Maria.

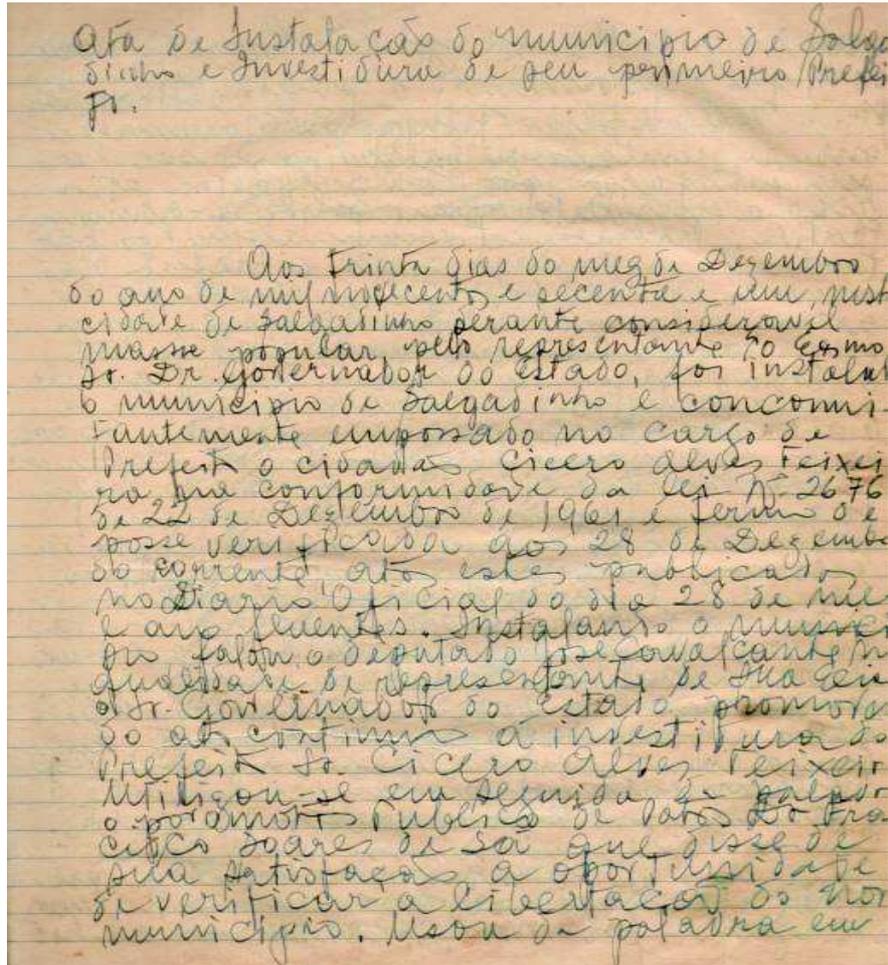


Figura 7 - Ata da sessão de Emancipação política de Salgadinho

Fonte: Câmara Municipal de Salgadinho

A Emancipação Política de Salgadinho foi conquistada no dia 22 de dezembro de 1961, graças à sanção do governador do Estado da Paraíba Pedro Gondim, através da Lei nº 2.676, sendo assim Salgadinho passou de Distrito de Patos a município e o seu primeiro prefeito foi Cícero Alves Teixeira, nomeado pelo governador Pedro Gondim.

A primeira eleição para prefeito do município ocorreu em 1962 e concorreu para o cargo de prefeito o senhor Djalma Morais ligado ao PSD, e senhor Joaquim Marcolino Guimarães ligado a UDN, e para vice-prefeito do município se candidataram o senhor José Bezerra de Maria do PTB e a senhora Deodete Florência Silva da UDN. Nessa disputa foi eleito o senhor Djalma Morais finalizando o seu mandato em 1966, passando a chave do município para o senhor Francisco Maciel. Djalma Morais, o qual volta a se candidatar em 1969 agora pelo MDB para as eleições de 15 de novembro desse ano, ganhando mais uma vez a disputa e assumindo o cargo eletivo no dia 31 de janeiro de 1970 até 1973.

1.2: Demografia do Município – 1970

Baseado no Censo de 1970 do IBGE, a população era composta por 3.012 habitantes, residentes em sua maioria na zona rural, sendo que eram 1.490 homens e 1.522 mulheres. Mesmo com esses dados não consta a quantidade de crianças e idosos, com essa população. Temos uma densidade igual a 21,02 habitantes por Km².

Segundo dados do IBGE a população urbana era de 387 habitantes, que viviam do comércio e a rural era de 2.619 habitantes que viviam da agricultura, extração mineral e pecuária; ainda hoje no município a maior parte da população salgadinhense é constituída em sua maioria pela zona rural.

Essa população rural está dividida entre as várias comunidades que compõem esse município como Lagoa de Onça, Bugica, Umbuzeiro, Serraria, São José da Batalha, Bonfim da Batalha, João Bento, Viração, Olho D'Água, Cedro, Pau Ferro Lajinha, Lagoa, e Mocós. Formada por várias comunidades, esse município tem inúmeras dificuldades devido não só a extensão territorial como também o relevo que por conter várias serras acabam dificultando a ligação direta dessas comunidades com a sede, exemplo disso são as comunidades de São José da Batalha que fica ao lado Norte da sede do município mais tem uma longa faixa de serras que faz essa separação entre essas comunidades. Contamos com as comunidades localizadas ao Sul, das quais encontram-se separadas da sede por outra faixa, sendo que os moradores desse local quando tem de se deslocarem até a sede do município tem que vir pela cidade de Assunção, isso num maior percurso de tempo.

As comunidades mais ligadas à sede são Olho D'Água, Viração, Lagoa e Lajinha, que mesmo tendo uma faixa de serra entre essas o percurso de ligação tem uma estrada que já foi mencionada, além da comunidade de Serraria que enfrenta problemas de ligação com a sede do município nos tempos de chuva devido ao rio da Farinha que impede a passagem de pessoas vindas dessa comunidade para a sede de Salgadinho entre outros lugares.

1.3: Aspectos climáticos, econômicos e políticos da região salgadinhense

Como o município de Salgadinho encontra-se no alto sertão, sobre o planalto da Borborema está localizado na região seca do nordeste, contando com chuvas irregulares, com precipitações que vai só de março a maio, sendo que nesses meses caem 80% do volume total de chuva, sendo os demais meses de seca, tendo esse município uma grande dificuldade

hídrica tendo que captar água em outros municípios que a tenha em reservas, sendo assim grande parte da população nessa época se utilizavam de animais como boi e burro para conseguirem água e quando essas fontes locais que são açudes, barragens, poços e barreiros em pequenas propriedades locais secam, os moradores ficam dependentes de carros pipas.

Durantes os anos de estudo a economia local girava em torno da produção agrícola de subsistência voltada para a produção de milho, feijão, algodão e outros que são produzidos em menor escala, temos aqui em salgadinho uma economia pautada na extração mineral com destaque para dois principais o caulim localizado no Olho D'Água que empregava na época vários pais de família, já que no início essa extração foi feita através do trabalho braçal que sem técnicos responsáveis essa atividade ceifou a vida de vários pais de famílias devido primeiro aos desabamentos de banquetas e acidentes de trabalho.

Nos tempos pós-modernos, a extração desse mineral passou por um processo de modernização tecnológica com a introdução de máquinas o que diminuiu a presença do homem, mas ainda temos vários homens trabalhando nessa área, e também a extração da “Sieba” (turmalina), mineral muito precioso encontrado em São José que foi extraído de forma ilegal e com a exploração do trabalho semi-escravo de moradores locais. Temos também a pecuária atividade de grande representatividade na economia, pois os animais produzidos tinham várias funções como consumo e venda da carne produzida, produção de leite, manteiga, doce, cocada e queijo com o leite, venda do couro dos animais para a produção artesanal, e também a utilização desses animais para preparar a terra para o plantio, como meio de transporte de cargas e água em tempo de estiagem.

O poder estava restrito aos donos de grandes propriedades locais, já que nessas cidades do interior de maioria rural, não possuir terras significa também não possuir poder, sendo assim esses trabalhadores sem terras se submetiam a uma relação de exploração de seu trabalho, estabelecendo relações diretas com os grandes “senhores salgadinhenses”, trabalhavam em suas terras, mais tinham que dar uma parte da produção para o dono esse mecanismo vai ser conhecido dependendo da quantidade da produção que vai ser devolvida ao dono da terra, se for metade esse produtor vai ser chamado de meeiro, se for um terço esse produtor vai ser chamado de terceiro, às vezes acontecia de não ser exigido esse pagamento pelo uso da terra, mas os donos da propriedade ficavam com a ração produzida para seus animais.

Sendo a terra um símbolo de poder na política de Salgadinho se estabeleceu um regime “oligárquico” como em várias cidades do interior, sendo que o maior proprietário do município na época era o senhor Djalma Moraes que foi o primeiro prefeito eleito pelo voto, que tem sua memória celebrada localmente, mais que Domingos Pascoal que foi o suposto fundador da cidade, tendo o seu nome em várias construções e mesmo os moradores ainda hoje costumam ter uma foto dele em sua casa juntos com as dos familiares, com eleição de Djalma seu grupo político se revezou no poder, passando pela prefeitura seu filho Luciano Moraes, seu genro Damião Balduino e sua nora Débora Cristiane esposa de Luciano Moraes que terminou seu mandato em 2016.

Com isso o domínio da hegemonia Moraes na política local, para entendermos essa ruptura nas estruturas de poder em salgadinho é preciso compreender que na contemporaneidade, o município passa por uma transformação econômica. Inúmeros moradores locais tem se tornado independente dessas relações de dominação com o qual se envolveram seus ascendentes, sendo que esses conquistaram sua independência financeira por meio da formação do comércio de casa de bolo, onde geralmente começou como empregado e juntou dinheiro para montar seu próprio negócio. Temos hoje mais de trezentos donos de casa de bolo. O município atualmente é governado por Marcos Alves.

Essa abordagem é necessária para entendermos o contexto social na qual esteve atuando as parteiras que estaremos estudando mais adiante para asseguramos que em uma época onde prevalecia a hegemonia masculina nas definições das estruturas de poder local, elas se inseriram de forma que consolidaram sua influência na formação da sociedade salgadinhense atual. Enfatizamos que as relações das parteiras existentes no passado influenciaram no crescimento populacional de Salgadinho hoje. O modo como elas se relacionavam e as suas experiências de vida estão refletidas nesse município, apesar das mudanças ocorridas ao longo das temporalidades e dos valores construídos historicamente.

Lembrando que mesmo passando por intenso processo de urbanização, esse ocorrido se concentrou mais na sede do município beneficiando algumas pessoas. Como por exemplo citamos a Maternidade Municipal Dr. Libero Massa. Sua obra foi iniciada durante o governo de Djalma Moraes e foi inaugurada em 1973 na administração de Jarbas Gomes.



Figura 8 - Maternidade Municipal Dr. Libero Massa

Fonte: Arquivo pessoal de Teresinha Meira.

Mesmo com essa maternidade construída na sede do município ela não tinha como fazer a atendimento, pois muitas pessoas do município não tinham como fazer esse deslocamento, até lá fato que favoreceu ainda mais o fortalecimento da cultura de partos residenciais nas comunidades. O acesso a saúde era tão precário que segundo relato em casos urgentes o doente era transportado de rede da sua casa a estrada central para pegar uma carona para ir a Campina Grande fazer o atendimento.

Como podemos perceber no relato proposto pela senhora Severina Maia:

Aconteceu de um homem para adoecer para ir criar *bicho* e eu fui fazer o tratamento e Antonio Mendes foi quem foi na Laginha buscar a ambulância era a ambulância velha Antonio Mendes foi ai disseram daqui para mais tarde vai e anoiteceu e amanheceu e ambulância não chegou ai eu fui fazer o tratamento de manhã e quando eu cheguei aqui disse a Sebastião e Sebastião disse a Joquinha, Joquinha mandou Chico ir buscar a ambulância ai lá disseram que não tinha pneu ai Joquinha mandou buscar e mandou butar o pneu que era primo dele e mandou buscar e levou.

A senhora Severina Maia acrescenta:

Já não estava sofrendo tanto porque quando eu cheguei lá estava limpando e cheio de sangue e eu perguntei o que é isso? Ele me chamou assim e me mostrou, quando me mostrou estava assim (gesto de muito com a mão) de *bicho* eu tirei 35 desse tamanho assim (gesticulando com a mão o tamanho), a metade era preto com aqueles chifres assim (gesto com os dedos), uma coisa horrível ai eu coloquei um remédio de animal lavei com leite ai preparei esse chama-se até bebidol e eu coloquei leite, mais leite do que um pingão daquele liquido e *butei* numa lâ de algodão e cubrí, ai no outro dia o que tinha, tinha morrido, ai ficou aquele buracão ai quando ele viu tanto

vomitou como chorou, mais quando a ambulância chegou eu já fiz o curativo e ele viajou tranquilamente não causou mais nada porque matou destruiu.

A referida senhora foi uma enfermeira local que atuou como parteira de modo que mais adiante iremos falar um pouco mais sobre ela e como essa protagonista da História contribuiu com a cultura e história oral de Salgadinho. Dessa forma usemos seu relato para demonstrar como era difícil na época acesso às condições de saúde e como as parteiras com suas práticas contribuíram para o crescimento da população salgadinhense, já que nesse período a natalidade infantil encontrava-se em destaque pelo fato de nascer muita criança pelas mãos dessas figuras femininas que fizeram história frente à cultura local.

CAPITULO II: DEBAIXO DE SOL OU CHUVA: COTIDIANO DAS PARTEIRAS

Nesse tópico discorreremos sobre o cotidiano das parteiras, as artes de fazer, de tentar por meio de seu saber, se sobressair com um caso tão delicado, natural e feminino que é o parto e o mover dessas mulheres até a casa da parturiente. Lembrando que o parto acontecia de forma previsível, ora repentino, ora demorado causando sofrimento à mãe. Em outras horas não podia acontecer sem que houvesse uma mudança no cotidiano da mulher parteira que deixava de ser a dona de casa para se tornar a parteira, deixava o marido e seus filhos para atender a parturiente, deixava a louça e o fogão de lado para acolher em seus braços a criança;

Essa rede de afetos estabelecida entre as mulheres nessas comunidades rurais e até urbana, que compõem o município de Salgadinho nas décadas de 70 e 80 é de suma importância para entendermos o município na atual conjuntura, assegurando as contribuições femininas na formação da mesma e como ele se desenvolveu em termos de aumento de população, resultado dos crescentes números de crianças que nascia.

2.1: “Acorda comadre que vai nascer menino”

O chamado das parteiras se dava em várias ocasiões, quase sempre era a noite, momento esse, onde essas mulheres por exercerem outras funções dentre elas a agricultura buscavam um pouco de descanso para seu corpo cansado. Seu sono noturno era interrompido por um grito na porta que dizia “comadre acorde que ai vem menino”, como podemos perceber pelo depoimento “Eu acordei de noite com um homem chamando aqui na porta, era Joaquim Faustino, chamando aqui na porta: *Cumadre* Sebastiana, *cumadre* Sebastiana”. (MAIA, 2017)

O modo como a parteira ia até a casa da mulher em trabalho de parto variava conforme a distância. Para as casas que ela sabia que era mais perto, o deslocamento era feito a pé mesmo pelas estradas de barro ou caminhos que faziam a ligação entre as residências do município na escuridão da noite, sendo que quando a residência se encontrava longe era necessário que elas recorressem a outros meios de transportes como jumento ou jegue, cavalo ou raramente a bicicleta.

Falando sobre mãe Didi temos o relato de José Pedro:

Eu me lembro do finado Berlamino uma noite foi buscar ela pra assistir com uma filha dele, essa mulher parece que mora em Desterro, ai ela quis cismar

nesse dia porque Berlamino bebia, ele foi a cavalo pelejou para ela ir ai ela não quis ir foi a pé ali no Bonfim.

Nessa perspectiva, as dificuldades enfrentadas por mãe Didi eram muitas, tendo que ir montada em cavalo para chegar mais cedo e ajudar à parturiente. Em algumas vezes, percebendo a embriaguez do pai da grávida preferia ir a pé, mesmo percorrendo uma longa distância na calada da noite e sozinha. Às vezes a distância era tão grande que quando chegava à casa da parturiente, a criança já tinha nascido restando a parteira fazer o corte do cordão umbilical, os cuidados com a placenta e o repouso da mulher.

É preciso compreender que algumas parteiras que atuaram nesse município não tiveram o primeiro contato com a grávida na hora do parto. Algumas realizavam visitas nas casas das gestantes, estas exercendo a função de enfermeira, fazendo um acompanhamento, passando uma série de recomendações, principalmente as mulheres que estavam na primeira gravidez. Em Salgadinho quem fazia esse tipo de acompanhamento era dona Dondom, fato percebido quando dona Sebastiana nos diz sobre ela o seguinte:

Sempre ela gostava muito de ir na casa das mulheres grávidas, ela gostava muito de conversar com as *mulher* antes, assim durante a gravidez sim ela sempre gostava de ir lá as vezes fazia recomendação as *mulher*: Você não faça isso, não faça aquilo, isso não presta pra você fazer ela sempre recomendava assim uma orientação a gestante. E hoje não tem o acompanhamento hoje é o pré-natal.

Além de dona Dondom, temos a senhora Maria Josefa de Conceição, conhecida como Maria de Lourdes que por ter um amplo conhecimento na área de saúde fazia esse tipo de acompanhamento antes do nascimento do bebê. Por ter em sua casa uma enfermaria, era comum caso fosse necessário fazer a “hospitalização” da mulher. Percebemos como havia uma preocupação das parteiras com as gestantes para garantir com ênfase no seu saber fazer popular um parto seguro para que tudo ocorresse bem e que a mãe não vinhesse a se sentir tão desconfortável.

2.2: Cortando Fios de Vida: práticas materiais no partejar

Faremos aqui uma abordagem relativa ao material usado pelas parteiras de Salgadinho nas décadas de 70 e 80 no exercício de suas funções, lembrando que por se tratar de um ofício que era transmitido de forma tradicional, ou, seja de geração a geração, as parteiras não possuíam ferramentas apropriadas ao saber fazer médico não científico, a exemplo de anestésias e fórceps. Podemos observar que mesmo sem esses utensílios médicos, elas com

seu saber ancestral buscavam contornar essa dificuldade, utilizando outros recursos encontrando no seu meio social. Para melhor compreensão, eram desenvolvidos três tipos de usos distintos: Primeiros o uso antes do parto; segundo o uso durante o parto e por último uso no pós-parto.

2.3: Uso de materiais antes e durante o parto: preparando a grávida e aliviando a dor

Havia uma preocupação das parteiras em assegurar um parto que fosse tranquilo para a parturiente e o nascituro. Para assegurar que isso acontecesse com êxito foram adotadas por elas várias práticas, as quais são resultados de uma miscigenação entre a cultura africana e a indígena. Como manifestação dessas práticas aqui em Salgadinho temos o relato da senhora Esmeraldina: “Antes do parto, assim quando estava difícil o parto ela dava chá de melancia, assim (gesticulando com a mão) de gogoinha do mato, me dava azeite chá de cebola branca e azeite de mamona”.

Quando indagamos sobre o que foi dado a ela antes do parto, a senhora Iracema Pereira que teve três filhos em casa afirma que “agente sofria muito para ter, passei a noite todinha doente para ter Fátima, elas dava pimenta do rei para agente tomar, lava o bucho d’agente com *aicó*, era”. No caso do cuidado com corpo da mulher o que a parteira usava era “Compressa de água morna para aumentar a dor e o menino vir logo” conforme relato da senhora Esmeraldina.

Vemos nesse contexto, que era valorizada a medicina popular tendo como foco, a infusão e os chás de ingredientes como folhas, cascas e raízes de árvores. Ressaltamos que a medicina alternativa encontra-se arraigada na cultura brasileira nesse novo paradigma técnico-científico. Seus usos eram utilizados como medida para curar determinadas doenças.

A hora do parto era considerada um momento muito tenso e de muitas expectativas. Está caracterizado por uma cultura de partejar que desenvolveram alguns usos com finalidade de que tudo ocorresse bem. Acerca dessas práticas temos a informação:

As parteiras ou comadres encarregavam-se da lubrificação das partes genitais, e tudo indica que eram eficazes na ajuda mecânica da prensa abdominal, fricções e pressões exercidas no baixo-ventre com a finalidade de favorecer a expulsão do feto. Gozando de enorme prestígio nas sociedades tradicionais, eram mulheres que pela sua idade já não podiam conceber, mas que conheciam a gravidez e o puerpério por experiência própria e constituíam-se em zeladoras dos costumes femininos que se agrupava em torno da ideia de proteção da mãe e da criança.

Quase sempre esses usos eram caracterizados pela utilização de ervas, compressas e chás feitos de ervas presentes no próprio meio onde as parteiras viviam. Sobre essas práticas temos o relato concedido por dona Dondom durante o parto que “dava apenas chá, às vezes pegava e esquentava uma água colocava duas *culher* de manteiga batia e dava pra gente *tumar*.”

Enquanto que a senhora Ester Mota que teve nove filhos em casa nos conta que durante os seus partos, a parteira lhe “Dava chá, garapa fervida, dava chá, e como se chamava na época hoje não existe, existe mais eles não faz mais em casa um rematinho de carne que chama o caldo da caridade”.

Dona Sebastiana nos afirma:

Naquela época o que se dava muito, o que gostava de dar as mulher cachaça num copo, que antigamente cachaça prestava *né*, ai *butava* cachaça numa xícara, *butava* chá preto dentro mexia e *butava* fogo ai queimava o álcool ai só era *cuar* e dava a mulher para *tumar*, porque até pras dor que a mulher estava sentindo aliviava.

Já a senhora Iracema Pereira nos relata que durante os seus partos a parteira que a atendeu lhe deu “chá de pimenta do reino, somente, que chega ardia as *guela* d’agente” Foi nos informado pela citada senhora que as parteiras utilizavam de garapas. Podemos confirmar essa prática através do relato concedido por dona Nininha que atuou como parteira no sítio Bonfim da batalha ao relatar um parto que marcou muito a sua vida como está exposto:

Mandei fazer logo uma garapa para evitar de dar hemorragia, por que a garapa fervida evita de dar hemorragia, ai a mãe teve tão amedrontada que não soube fazer ai eu deixei ela e fui fazer, ai fiz a garapa e dei ai ela tomou ai ela fez força para botar para passar a cabeça da criança, mas o *bichim* tão *cabeludim* chega o cabelo batia aqui assim.

Dona Iracema Olindina que teve 15 filhos, todos nascidos em casa nos diz sobre a parteira que lhe deu assistência:

Ela fez um rescaldo de cinza que pra eu *tumar* que disse que foi porque eu tinha me *aperriado* porque a menina tinha morrido eu tava com sete mês dos três, ai ela fez um rescaldo de quente quando tava bem *sentadim* ela me deu pra eu *tumar*, e quando *cumade* Juvina chegou aqui que eu vi que era pra nascer menino mesmo ai eu tomei um chá de *oi de cajueiro* pronto.

Quando questionada: o que ela dava as mulheres em trabalho de parto, mãe Iraci responde “Eu dava uma garapa fica esperta, *meia quente* para se avexar logo para ter logo a criança”. Questionada sobre o que lhe foi dada pela parteira, a senhora Esmeraldina de Souza que teve seis filhos, todos nascidos em casa, nos responde “Dava óleo de rícino, azeite de mamona”. A

senhora Maria de Lourdes reportando-se à parteira Maria de Souza afirma que ela durante os partos “costumava dar um *rematizinho* de pimenta do reino e *cumim*”.

Consideramos que é nesses usos práticos de medicina caseira que o ofício de partejar irá se diferir entre as parteiras pelo fato de que enquanto parteiras curiosas faziam usos dessas bebidas em formato de chás, as parteiras esclarecidas pelo contrário não se utilizaram dessa tática como podemos analisar quando dona Iranilda fala de sua mãe:

Assim se pessoa tivesse sentindo dor ela aplicava injeção se a pessoa tivesse hemorragia ela aplicava para cortar a hemorragia, se tivesse com dor assim depois do parto ela aplicava injeção, ela fazia curativo, ela pontiava ela fazia tudo, que ela era formada ela trabalhou em Patos, quando ela trabalhou em Patos, na maternidade ai ela foi transferida para aqui

Com base nessa fala identificamos o desejo de ressaltar que o conhecimento dessa parteira era diferenciado das demais, quando ela diz que ela era formada. É interessante perceber no relato supracitado que o saber fazer das parteiras iriam depender não só do saber que elas receberam, como também dos recursos que essas dispunham no momento do parto. Nesse sentido, ao discutir um ofício que foi exercido em um único local em um recorte temporal determinado notamos que se deu de forma diferente porque acreditamos que cada conhecimento é peculiar.

2.4: Uso de materiais após o parto: Cortando fios e separando vidas

Como exemplo dessas práticas materiais depois do parto, citamos o modo de cortar o cordão umbilical, o que significa acreditar na autonomia do bebê. É nessa hora que nada pode dar errado pelo fato de ser um momento decisivo para que a parteira possa alcançar uma posição de prestígio na comunidade como uma boa mãe de umbigo a ser sempre requisitada para os partos ou caso contrário ser execrada como uma pessoa que será responsável pela morte de uma mulher, possivelmente da criança.

Vale destacar, que as parteiras por não dispor de material hospitalar necessário, como o clamp umbilical faziam uma amarração no cordão umbilical utilizando um fio que segundo a crença popular tinha que ser feito de algodão para evitar sangramento excessivo depois do corte. Para o corte usava-se uma tesoura doméstica.

Analisando o uso de tais materiais em Salgadinho na cultura das parteiras ficamos conhecedores dos mesmos através do relato de mãe Iraci “Era um *cordãozim* amarrava para

depois cortar”. A senhora Esmeraldina nos relata: “*Butava* um cordãozinho media dois dedos e amarrava ai media mais três dedos e deixava o umbigo”.

Como nos foi repassado, no caso da tesoura esta podia passar por um processo de esterilização de várias formas: algumas faziam apenas a lavagem da tesoura com água; outras se utilizavam do álcool, lembrando que esse último era um recurso difícil, pois estamos nos reportando a mulheres do interior, porém essa prática era usada principalmente pelas parteiras mais esclarecidas. No referido município quem fez esse tipo de esterilização foi a senhora Maria Josefa.

Veja o que nos declara a senhora Iranilda em relação a esse assunto: “ela tinha todos os materiais de enfermagem, roupa tudo. Tudo, tudo ela tinha o *fugareirozim* de esterilizar, ela lavava todos com sabão os materiais e esterilizava no álcool *butava* no fogo assim e esterilizava, tinha um *fugareiro* de inox”(OLIVEIRA, 2017).

A senhora Sebastiana relatando sobre o processo de esterilização de seu material nos declara:

Era lavada com álcool, muitas vezes agente guardava aquelas coisas que agente trabalhava pra tirar ponto essas coisas assim na água fervida, colocava a água para ferver colocava aquilo ali dentro e colocava pra secar pra não passar um pano ela escorria ali e guardava. E também antigamente aquelas seringas de aplicar injeção não era descartável, era vidro toda vez que agente terminava, agente tinha aquilo ali tinha uma gavetinha, a caixa dela era inox ali agente *botava* álcool na parte de baixo e colocava água naquela de cima, pronto o álcool fervia ali todinho pra gente poder tirar era assim, hoje se o *cabra* inventar de pegar para fazer isso não vai não porque só tem ela (risos).

2.5: Sagrado Feminino: Práticas espirituais

O parto por se tratar de um evento que envolve os seres humanos em todos os seus aspectos, que está envolto por características sociais culturais e psicológicas, mesmo sendo um fato comum na vida de todo ser humano, vai ser nas práticas adotadas durante essa fase gestacional que identificamos as variações nas formas de preparar, dar assistência e realizá-lo.

Uma característica importante no momento do parto é a relação estabelecida entre as mulheres e o sagrado. Em se tratando desse tema temos a tese de Pós-Graduação da autora Degiane da Silva Farias, “*Entre o Parto e a Benção: Memórias e saberes das mulheres que*

partejam,” que vem fazendo uma abordagem sobre esses aspectos espirituais do parto. Seu texto foca no contexto social do Amazonas e como já temos falado ao longo do trabalho o saber-fazer das parteiras vai variar de um lugar para outro e das parteiras que atuaram em uma mesma região, entretanto terão entre si diferenças, nas suas maneiras de praticar seu ofício.

Ao nos reportarmos às mulheres sertanejas, essa inclinação ao sagrado se torna ainda mais forte por causa do intenso misticismo que envolve essa região. Devemos salientar que a adoção de ritos e rezas no parto não foi um fato que se deu só em Salgadinho nos recortes temporais em estudo. Essa prática podia ser observada no Brasil Colônia, quando as mulheres adotaram:

O hábito de cingirem-se, quando aperreadas pelas dores do parto, com o cordão de São Francisco; o de fazerem promessas à Nossa Senhora do Bom Parto, com o cordão do Bom Sucesso, do Ó, da Conceição, das Dores, no sentido de um parto menos doloroso ou de um filho são ou bonito

Referindo-se ao modo de parir na colônia apresentemos o discurso da historiadora Mary Del Priore (2010, p. 87):

Enquanto num mesmo processo- o do parto- a vida ploriferava, e simultaneamente a morte se fazia presente, as mulheres elaboravam formas específicas de viver o momento do nascimento de seus filhos. Testemunhas da angustia e dificuldades pelas quais elas passavam, a devoção amalgamava crenças e gestos simbólicos, tipicamente coloniais porque herdeiros das várias culturas que então se imbricavam.

A autora enfatiza essa temática descrevendo-a no texto “O Cotidiano da Criança Livre no Brasil entre a Colônia e o Império, no livro *História das Crianças no Brasil*” organizado por ela, faz uma abordagem sobre essas práticas quando discursa:

Vigiada por uma imagem de Nossa Senhora do Ó ou do Bom Parto, agachadas ou sentadas, a mulher esperava os sinais do parto [...] O ventre dilatado pela gravidez, cobriam-se de relíquias e cordões coloridos, capazes, na mentalidade da época, de assegurar um parto tranquilo [...] Preces endereçadas a São Mamede, São Francisco e Santa Margarida eram murmuradas, baixinho, a fim de afugentar qualquer perigo que pusesse em risco a vida do nascituro. (DEL PRIORE, 2010, p.87)

Era comum na hora do parto, as mulheres e parteiras recorrem a diversas santas e santos conhecidos como auxiliares das grávidas com as mais variadas finalidades. Em se tratando de Salgadinho essa prática esteve muito presente no cotidiano das parteiras como perceberemos pela intensidade do relato da senhora Sebastiana Maia, “quem fez foi Nosso Senhor Jesus Cristo e Nossa Senhora, que é a mãe das parteiras foi ela que fez não foi eu não. Eu achei de assistir aqui ajudando no que *pudia* fazer, essa aí foi Deus não foi eu não”.

Observamos por meio de nossa pesquisa que estas devoções eram feitas a duas santas diferentes e com funções diferentes como veremos adiante.

2.6: A Ladainha das Grávidas: Ritos e rezas

No contexto social de Salgadinho nas décadas de 70 e 80 iremos perceber que as parteiras faziam suas devoções em momentos variados e a santas diferentes, mas aqui o que vai prevalecer vai ser a preces sendo feitas sempre a santas representadas pela figura feminina da mãe de Jesus que passou pelo mesmo momento doloroso que as parturientes, sendo assim já temos uma identidade simbólica da parturiente com os sofrimentos de Maria.

Devido à falta de recursos financeiros quase nenhuma parteira tinha uma imagem da Santa a qual fazia suas devoções como podemos perceber pelo relato da senhora Lindines Gouveia, filha da parteira conhecida como mãe Iraci, quando perguntada se sua mãe tinha imagem de Nossa Senhora do Bom Parto ela nos responde “não, por que naquela época não tinha, mais graças a Deus as pessoas sempre vinham atrás dela”. É interessante analisamos esse aspecto de devoção praticada entre as parteiras que era feita ao invisível no sentido de compreendermos essa temática, além de sua influência passada e presente.

Mãe Didi segundo nos relata seu marido tinha suas devoções com uma santa diferente, como podemos perceber por sua narrativa, “ela tinha as devoções dela com santa Margarida e ela rezava também quando ia fazer um parto fazia confiando em Deus e nela também, as mulheres sempre *dizia* que ela era uma boa parteira”. Dona Dondom também tinha suas devoções com essa mesma santa, já a senhora Maria de Lourdes rezava a Nossa Senhora do Perpetuo Socorro. Dona Luisa Paulina costumava fazer suas intercessões a Nossa Senhora do Bom Parto.

As orações eram feitas em momentos diversos pelo fato de que as parteiras por serem sempre requisitadas para fazerem partos tinham o hábito de realizarem esses ritos em casa mesmo. Dessa forma, esse ato de devoção seria como um momento onde a parteira adquiria forças para o momento de grande luta que seria o parto. Sobre esses ritos temos o relato de dona Nininha falando sobre sua sogra dona Dondom umas das poucas parteiras que possuía imagens:

Ela tinha a devoção dela, tinha oratório com bastante imagem. Meu Deus eu não to lembrado quem é que tem esse oratório dela, não to lembrada quem é não sei se é *cumade* Das Neves, se *cumade* Das Neves tem porque ela

morreu lá encostado a George na casa lá, eu acho que sempre quem vivia mais lá era a mulher de Omero.

As rezas endereçadas ao divino, variavam um pouco de parteira para parteira, mas na nossa pesquisa verificamos quase que constante entre elas nas suas devoções fazerem menção da Ave Maria, considerado um momento de identificação simbólica com o sagrado feminino, o que devemos lembrar que nessa reza o trecho “bendito é o fruto de teu ventre Jesus” traz essa identificação entre a grávida com a figura maternal da mãe de Jesus e seus sofrimentos na concepção do menino Deus. Logo elas mesmas nesse momento de parturição teriam a intervenção daquela que sentiu dores iguais a parturiente, o que lhe asseguraria um parto tranquilo. A presença dessas rezas feitas a essas santas durante esse processo eram também um modo de afirmarem o parto como um momento de dominação feminina.

Outro grande momento do parto logo após a saída do bebê era a saída da placenta. Eram os dois momentos de maior dificuldade vivenciados durante o parto pela parteira e parturiente, como podemos notar relato concedido por dona Luisa quando foi indagada qual era sua maior dificuldade enfrentada como parteira: “Era o socorro pouco que aqui não tinha, quando a *muler* demorava a *butar* a placenta, eu ficava já, eu tinha mais preocupação”. Por se tratar de um momento difícil, percebemos que as parteiras criaram táticas para aliviarem os sofrimentos da grávida, isso recorrendo à intercessão de santa Margarida para que concluísse todo o trabalho com êxito.

Essa devoção a santa no caso específico de atuação no caso de dificuldade na saída da placenta, quase não foi relatado aqui em Salgadinho, talvez porque a maioria das parteiras não se lembre ou não tenha vivenciado esse momento. O ocorrido chegou ao conhecimento por meio do relato da senhora Esmeraldina que é filha de uma parteira e teve um parto muito complicado. Entendemos que ela tenha vivenciado esse momento quando cita a oração que era feita pela parteira, a santa Margarida “Minha santa Margarida, eu nem to grávida nem to parida, santa Margarida tire esse *fato pôde* da minha barriga”.

Sua irmã nos conta o caso da morte de uma mulher na hora da saída de sua placenta:

Antonio Celestino a primeira mulher dele era minha tia de Lagoa de Onça ela morreu deixando dois filhos e a parteira dela ou foi o medico disse que ela morreu porque arrancaram um *rins* dela durante o parto na puxada da placenta, puxaram e veio um *rins*.

Comprendemos diante desse episódio o quanto era tenso. A parturiente já tinha visto seu filho nascer e agora corria o risco de não o ver crescer, por isso notamos na composição

dessa reza o tom de desprezo pela placenta que é chamado de *fato pôde* e diferente de outras rezas, essa era feita não pela parteira, porém pela própria parturiente.

Segundo dona Esmeraldina esse rito era para que a mulher “desocupasse ligeiro”. Em se tratando dessa prática nos cita Mary Del Priore em sua Obra “*Ao Sul do Corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*” que já vem desde os tempos da colônia, quando discute acerca de uma reza muito parecida com essa que foi mencionada pela referida senhora.

Portanto essa devoção ao sagrado, tendo como foco as rezas e ritos nos leva a refletir que parteiras e parturientes, assim como as demais pessoas presentes nas décadas em estudo acreditavam que tais práticas, pautado nos santos os ajudariam a concretizarem os trabalhos de partos de forma bastante tranquila. Nesse contexto, devemos nos conscientizar que apesar de hoje, pleno século XXI, essas devoções ao sagrado não estarem em evidências na questão do parto.

Vemos que as rezas realizadas por benzedeadas são continuísmo advindos da cultura brasileira passada até porque mulheres após o procuram as benzedeadas, alegando que serve para tirar o mal olhado do bebê e até da própria mãe. Assim, a prática do benzer através da reza está arraigada na cultura brasileira. Outros ritos e crenças atualmente são praticados por diversas pessoas que buscam curar através das devoções aos santos, porém dificilmente essa prática ritual vem acontecendo no universo de mulheres grávidas pelo fato de que os seus partos acontecem frequentemente no hospital.

CAPITULO III: PRÁTICAS NO PÓS-PARTO

A análise que fazemos até o presente em nossa pesquisa nos leva a lançar um olhar mais crítico de como era cheio de afetividade o contato entre a tríade a que estamos tratando, composta pela parteira, parturiente e o nascituro. Isso ao contrário do parto realizado em ambiente hospitalar, onde ele acaba quando o cordão umbilical é cortado. No caso do parto doméstico realizado pelas parteiras, após o corte do cordão umbilical que era popularmente conhecido como “*tripa do umbigo*” tornava mais próximo a parteira da mulher que foi atendida por ela. Sendo assim iremos analisar esse relacionamento como ele se dar depois do parto, mostrando a importância dessas mulheres que desempenharam esse ofício na comunidade de Salgadinho.

Estaremos discorrendo abaixo sobre as práticas adotadas pelas parteiras no cuidado do resguardo da mulher, na cura do coto umbilical e por último trataremos das práticas das grávidas tratando de ressaltar o modo com essas procuravam demonstrar sua gratidão a parteira que auxiliou em seu parto.

3.1: Comadre, cuidado com o resguardo: mulheres que cuidam

Após o parto segundo a cultura popular, a mulher tinha de ter um longo período de repouso, com o objetivo de recuperar as forças que foram perdidas no momento do parto na luta para expelir o bebê, vai ser exatamente nesse momento que o cotidiano da mulher irá ser alterado ainda mais, onde ela irá se afastar definitivamente das suas atividades domésticas, sendo esse um período cheio de proibições como ter relações sexuais com o seu cônjuge, a mulher recém parida não podia pegar peso, comer comidas conhecidas como “carregadas”, ter emoções fortes, passar por situações de medo, evitando até mesmo “pancadas” de vento e “bafo” de chuvas; nem mesmo o banho em seu filho era dado pela mãe, mas pela parteira e a amamentação era feita deitadas na cama mesmo sendo que alguém trazia o filho até ela, como podemos perceber pelo relato que a mulher “era proibida de cozinhar e de compartilhar a cama com o marido. A placenta e o cordão umbilical eram enterrados pela própria parteira”. (ACKER, et al. 2006, p. 648)

Durante o resguardo, a mulher passava um mês na cama, era exatamente nesse momento que a parteira se tornava tão útil quanto na hora do parto, pois muitas delas ficavam nesse momento divididas entre as atividades de sua casa e as da casa da parturiente, como

podemos perceber pelo relato da senhora Esmeraldina quando fala sobre a parteira Maria Tereza que a atendeu “Depois ela passava quinze dias *mais eu*, ela passava quinze dias *mais eu* e só saía quando eu tomava o banho morno”.

Dona Esmeraldina continua relatando: que no “resguardo, a mulher passava quinze dias na cama, quando era passado esses quinze dias a mulher era sentada, e no quarto mesmo era dado pela parteira um ‘banho’, dado em uma bacia mesmo já que a mesma não podia sair do quarto”. Vejamos através dessa fala, as péssimas condições e qualidades de higiene pelas quais essas mulheres estavam expostas juntas com seus bebês o que é conformado na fala de dona Nininha:

Antigamente tinha mulheres que só *tumava banho* com 15 dias, era com 15 dias só fazia se banhar eu não sei se o estilo mais novo não sei como foi eu tomava banho todo dia porque tinha casa que agente chegava era um mau cheiro daquelas pessoas hoje não existe mais isso não, as mulheres hoje são mais zelosas são mais tratadas porque quem vai para a maternidade não tem essa história de dizer que não vai tomar banho não.

O banho como podemos analisar pelos relatos das senhoras Esmeraldina e Severina que era um banho morno um mês após o momento do parto, que não significava só o momento de higienização do corpo da mulher, significava que a mulher estava pronta para retomar suas atividades em seu cotidiano dedicando-se não só aos cuidados da casa e do marido, mas era a partir desse momento que ela podia viver intensamente a maternidade.

É importante discutir, que o resguardo era um período marcado pela proibição, fato que nos leva a nos perguntarmos que se a mulher a desobedecesse por algum motivo essas dicas dadas pelas parteiras? Caso a mulher recém parida vinhesse por algum motivo a desobedecer essa série de proibições ocorria um evento que é conhecido na cultura popular como quebra do resguardo, fato muito temido pelas mulheres, mas caso isso vinhesse a acontecer, como para medicina popular para cada mau há um remédio era comum a mulher com o resguardo quebrado recorrer a sabedoria da parteira que fez o seu parto para que pudesse fazer a cura do resguardo.

De acordo com o saber das parteiras, os remédios utilizados para curar o resguardo quebrado variavam muito de parteira para parteira. Minha mãe Maria Tereza, segundo sua filha Esmeraldina “*butava* pimenta, água, *butava* os pés da mulher dentro d’água e dava um chá de pimenta ou café de pimenta ou então aguardente com pimenta”. Dona Iracema Olindina que teve um resguardo quebrado, segundo sua narrativa por causa da perda de uma filha que ocorreu antes de ter o parto de trigêmeos, elas nos conta que o resguardo dela foi

quebrado devido o “aperreio” ocasionado por essa perca, e para curar o resguardo a parteira fazia:

Fez um *rescaldo* de cinza que pra eu *tumar* que disse que foi porque eu tinha me *aperriado* porque a menina tinha morrido eu tava com sete mês dos três, ai ela fez um rescaldo de cinza quente quando tava bem *sentadim* ela me deu pra eu *tumar*, e quando *cumade* Juvina chegou aqui que eu vi que era pra nascer menino mesmo ai eu tomei um chá de *oi* de *cajuero* pronto.

A senhora Severina Maria que teve um resguardo quebrado por causa de um susto, ocasionado quando ela soube da morte de seu avô nos conta como ocorreu essa quebra do resguardo:

Chegou a mulher de *Antoi* Ferreira e ficou conversando eu estava com três dias, conversando com a minha cunhada ai *cuchichando* e eu sentada na mesa assim e vendo ela *cuchichar* no ouvido da outra na cozinha ai eu vi quando a outra (barulho imitando o cochicho), e era elas se mexendo ai eu achei que tinha sido a minha vó que tinha morrido, porque o meu avó eu sabia que ele estava para morrer e ia morrer logo, mas eu achava que essa velha ia morrer primeiro foi esse pensamento que eu tive antes de ganhar o menino, ai quando ela fez assim (se afastando do ouvido da outra) que eu olhei teve aquele susto que me viu, me deu uma pontada tão grande aqui assim na nuca (apontando para a nuca dela) e respondeu aqui na espinha (apontando para a região inferior da coluna dela) aquilo foi um choque assim e ficou dando aquele (gesticulando com a mão abrindo e fechando ela), e eu fiquei com aquele negócio ruim e quando foi daqui a pouco deu dor de cabeça.

Conforme relato de dona Severina Maria após a quebra do resguardo, ela teve outras complicações ao narrar o acontecido:

Ai de noite eu não dormi eu tive febre, tive muita dor de cabeça e inchou minha garganta e eu sei que eu passei mal, passei mal, que no dia de eu tomar o *banhe* morno eu fui, me levaram para Patos pro hospital minha boca estourou todinha (passando os dedos nos lábios) eu fiquei tão revoltada com esse negócio, pelo amor de Deus mulher ta de resguardo aconteceu alguma coisa converse logo com ela e diz, não tem pra que esconder não porque ela vai saber do jeito mais pior do mundo e não pode fazer isso. E eu sei que eu fiquei doente o mês todinho e fiquei muitos anos doente, custei muito, muito a melhorar.

Ela nos relata que sofreu muito a partir desse momento e nos afirma como ficou curada:

O derradeiro remédio que eu tomei, me ensinaram três *pimenta* malagueta pra torrar no fogo numa vasilha de barro e quando ela tivesse pretinha pisar

num *pilãozim*, colocar num copo e encher de água morna pra tomar *todim*, *eitamenino!* [...] ardia era pimenta malagueta era da braba mesmo [...] foi a derradeira coisa que eu tomei que me senti bem hoje eu não sinto nada que mais nem dor de cabeça eu tenho e sofri muita dor de cabeça.

E quando questionada sobre outros remédios que eram usados por parteira de sua época para tratar do resguardo quebrado, ela nos informa:

Tinha assim pimenta do reino, pisar a pimenta do reino as vezes, muitas vezes *butarna* cachaça. Outro que tinha era apropriado para essas coisas era o *cumim*, pegar pisar o *cumim*, *butar* na cachaça pra mulher beber, tudo isso era remédios velhos que se fazia pras mulher tomar quando tava de resguardo eu toda vida fui ruim pra tomar cachaça, toda vida fui ruim pra tomar cachaça.

É interessante sabermos que durante a elaboração desse sub tópico, vemos que as práticas eram variadas; todas elas demonstram o cuidado que tinham pela parteira no tratamento de sua parturiente e por meio desses cuidados como eram intensos os laços de afetos que uniam essas mulheres das comunidades de Salgadinho, assim como o apego delas ao bebê.

3.2: Minha Mãe de Umbigo: práticas e crenças em torno do recém-nascido

Os cuidados devotados pela parteira não estavam restritos a mãe. No decorrer de nossa pesquisa constatamos que a criança era envolvida por essa teia de afetos que cercava a maternidade, isso porque geralmente o primeiro banho recebido pelo bebê após o corte no cordão umbilical era dado pela parteira, o primeiro alimento às vezes vinha até a boca do recém-nascido pelas mãos dela, fato esse confirmado no relato de Severina Maria ao falar sobre o nascimento de seu filho Possidônio: “no primeiro dia você comeu: Você estava chorando a velha Domdon foi lá dentro fez uma papa e quando acabar deu aquele camarada ali, que ele estava chorando (risos)... esse *acanaiado* (risos)”.

Salientamos com ênfase nas falas das parteiras que o principal cuidado delas para com o recém-nascido era com a chamada *tripa do imbigo*, primeiro em se tratando do aceleramento do processo de cicatrização desse e de também providenciar um local adequado de enterramento para esse depois de sua queda. De acordo com a tradição da época ficamos sabendo que o local de enterramento definiria o futuro do bebê. Foi voltado para esses dois aspectos do relacionamento entre parteira e o recém-nascido que foram desenvolvidos algumas práticas que iremos analisar adiante.

3.3: Umbigo: Práticas de curas

Os cuidados com a cura do umbigo era um fato curioso da natividade que já foi observado por alguns escritores como podemos observar pelo relato de Gilberto Freyre quando faz menção em sua obra *Casa Grande & Senzala* quando ele faz menção do livro *O Manual do fazendeiro ou Tratado doméstico sobre as enfermidades dos negros* ele nos diz que nesse manual sobre essas práticas entre os negros está descrito “cortão o cordão muito longe do embigo e estão de mais a mais no pernicioso costume de lhe porem em cima pimenta, e fomenta-lo com óleo de rícino ou qualquer outro irritante” (FREYRE, 2006, p. 245)

Como o ofício de partejar remonta a um saber ancestral que era passado de mulher para mulher por meio da oralidade e da prática percebemos por meio de nossa pesquisa que no cotidiano das parteiras de Salgadinho algumas práticas de cura do umbigo que foram desenvolvidas por elas, salientamos que fazia parte dos cuidados da parteira para com a mãe ao instruir ela da maneira certa de curar o umbigo da criança, principalmente quando se tratava do primeiro filho de uma mulher.

A senhora Esmeraldina quando foi perguntada sobre as práticas de cura dos umbigos de seus filhos ela responde que eles foram curados “Com pó de alfazema com o mesmo azeite (usado durante o parto) ou o pó do *antecasca* do angico”. Já a senhora Iracema Pereira falou que na cicatrização do umbigo “Usava, tinha aquela *restinha* da telha no chão, *rapava* aquela *restinha* em cima ai assoprava e *rapava* mais em baixo, penerava e *butava* no umbigo da criança foi o tempo *mais melhor* que tem e as crianças *sadia* do umbigo”.

Dona Iraci que foi parteira nas comunidades que fazem divisa com Taperoá sobre a cura do umbigo ela nos diz “*Oxente* rapaz a raspinha da madeira de arueira que sarava *logim*”, segundo relatos de Gouveia. O senhor José Pedro nos relata sobre sua esposa conhecida como mãe Didi afirmando que ela usava;

Era um *pavi* de *aigudão* e ela amarrava, as vezes eu assistia e via ela fazer, ai ela amarrava ali quando a criança nascia, ela amarrava o umbigo ali e nunca sagrava ali ela amarrava e cortava o umbigo, mandava a mulher colocar um *azeitim*, era azeite de momona de carrapateira.

Reconhecemos diante da exposição que apesar das parteiras atuarem num mesmo local, exercendo suas funções em uma mesma temporalidade, variavam os usos dos materiais adotados por essas parteiras, inclusive na prática de cura do umbigo.

3. 4: Com o futuro em suas mãos: Práticas e ritos após a queda do umbigo.

As práticas em torno do umbigo da criança não estavam restritas aos cuidados com a cicatrização desse feita usando várias substancias como foi descrito acima, mas fazia parte dos cuidados da parteira orientar a mulher para que desse ao coton umbilical depois da secagem e sua queda um local de enterramento adequado que assegurasse ao bebe um futuro promissor.

Esse aspecto do saber fazer das parteiras é resultado da miscigenação cultural entre a cultura indígena, africana e a européia, pois esse cuidado com o local de enterramento do umbigo já era praticado pelos índios tupinambás fato que foi descrito pelo frei franciscano francês, André Thevet, falando sobre os índios tupinambás situa que relato que “Quando o umbigo da criança secava e caía, o pai partia em pedacinhos pregando em todos os pilares da oca, para que o filho, no futuro, fosse um bom chefe de família e pudesse sustentar a sua casa”. (MIRANDA, 2011, p. 241).

Esse cuidado excessivo com o destino do coton umbilical após a sua secagem e queda se deu devido a crença popular onde se acreditava que “Partes como o umbigo e as unhas, que poderiam ser utilizadas para malefícios contra os vulneráveis filhinhos, era cuidadosamente enterradas no quintal de casa”. (DEL PRIORE, 2010, p. 87)

Sendo assim temos presente aqui em Salgadinho um hibridismo cultural que resultou em um catolicismo não oficializado já que nesse tipo de religião “a presença do misticismo é comum, ou melhor, elas são religiões místicas”. (MENDONÇA, 1984, p. 9)

Desenvolve-se entre as parteiras e parturientes esse cuidado com o destino final da chamada “*tripa do imbigio*”. Ele definiria o futuro de recém-nascido e demonstra a afetividade que envolvia as relações entre a parteira, parturiente e nascituro.

No município de Salgadinho reconhecemos que esse aspecto do misticismo popular esteve presente na cultura local, inclusive quando a senhora Esmeraldina nos relata do local de enterramento do umbigo de uma de suas filhas: “Eu enterrei em casa no pé do moinho, porque o meu esposo não podia sair e a gente não colocava em um canto desconhecido *mode* causa de cachorro ou qualquer um bicho”.

Notamos a preocupação na fala de nossa depoente de evitar que um cachorro ou qualquer bicho acabasse comendo o coton umbilical de sua filha, já a senhora Iracema

Olindina nos conta que enterrou os umbigos de seus filhos “No *munuro* tudo perto de casa” (JESUS, 2017) onde ficava perto de um curral do gado fato que se repete no relato de dona Ester Mota, ela nos conta que “Os umbigos dos meus filhos foram enterrados todinhos na *purteira* do curral” (NOBERTO, 2017).

Esse foi o mesmo local de enterramento usado por Iracema Pereira, Dona Severina Maria, e dona Iranilda Maria para os umbigos de seus filhos, mas porque essas mulheres escolheram esse mesmo local de enterramento para os umbigos vivendo em comunidades diferentes do município de Salgadinho sendo atendidas por parteiras diferente escolheram o mesmo local?

A resposta se dar exatamente devido essa circularidade cultural ocorrida na transmissão do saber do ofício de partejar, ao longo da nossa pesquisa temos falado sobre diferenças no ofício de partejar, agora passamos para um aspecto que se assemelha, para entendermos o porquê da escolha desse local específico de enterramento melhor deixamos nossas depoentes falarem. Dona Severina Maria nos diz sobre essa prática:

Eu não sei era uma crença da época, que eu não sei o significado, não sei explicar sobre isso, mais era aonde agente enterrava o umbigo dos meninos, assim num canto que ninguém cavasse ou que bicho não cavasse para que a terra comesse aquilo ali.

A parteira aqui referida aprendeu a prática e passou a repeti-la sem nem ao menos procurar a sua simbologia. Já dona Iranilda Maria sobre a escolha do local de enterramento de umbigo de seus filhos nos diz “*Pela* amor de Deus (risos), enterrei nas *purteiras* até hoje me arrependo(mais risos), por que os meninos não quiseram nem estudar *homi*, (mais risos)”. Diz que escolheu esse local “Porque o *povo* ensinaram, Nenem enterre no *mei* da parteira, e o gado não vai ficar pisando *né* por cima não”

Percebemos nas falas da senhora Iranilda que ela se diz arrependida e atribui ao local de enterramento dos umbigos o desenteresse dos filhos pelos estudos, ou seja, o local de enterramento escolhido no passado interferiu na mentalidade de nossa depoente no futuro de seus filhos.

A melhor explicação para entendermos o misticismo em torno dessa prática, nos foi dada pela senhora Esmeraldina, ela nos relata que se “ O rato se desenterrasse e carregasse (a criança) dava para ladrão e o cachorro dava para comilão e debaixo de uma mala a criança ficava calada conversando pouco” como nos relata Dona Esmeraldina. A explicação dessa

senhora presente aqui em Salgadinho na mentalidade corrobora com o pensamento André Thevet entre os tupinambás.

A escolha do curral como se dava por dois motivos o primeiro percebemos na fala de dona Iracema Olindina quando ela justifica o motivo da escolha do curral como local de enterramento para o umbigo de seus filhos “Meu *fi* porque o povo dizia que era bom enterrar os umbigos onde passa gado, que dizia que gado era bento”. Bento, conforme a crença do catolicismo popular eram os animais que estiveram presentes na hora do nascimento de Jesus. Esse fato traria as bênçãos sobre o novo ser vivente. O segundo motivo de escolha se dava garantir ao nascituro um futuro promissor. Logo, o gado nessa época estava associado à prosperidade.

3.5: Enfim comadres: O batismo como forma de gratidão à parteira.

No decorrer de nosso trabalho até agora temos falado sobre a atuação das parteiras, que consistia no auxílio do parto da mulher e também nos cuidados com o nascituro, enfrentando noites escuras, longas distâncias em percursos a pé mesmo ou no lombo de um animal, deixando em casa seu marido e filhos para atender quem necessitava de seus saberes, lembrando que temos relato de parto muito longo e dificultoso como nos relata dona Ester Mota sobre o seu primeiro parto elas nos diz “Foi muito perigoso meu primeiro parto, quase o menino não nascia, passei 24 horas sofrendo em casa parteira tava comigo”. Imagine o que era uma mulher ficar um dia inteiro afastada de seu lar para prestar auxílio à outra mulher.

O que mais nos chamou a atenção era que todo esse trabalho foi feito por amor. Nessa perspectiva, esse aspecto de caridade é ressaltado na fala da senhora Maria de Lourdes quando se reporta à sua mãe que foi parteira que nos diz: “Minha mãe, ela começou a pegar menino com 25 anos e só deixou no seu 60 anos, todo mundo gostava de procurar ela porque as parteiras curiosas *vinha* por dinheiro ela fazia pela obra de Deus”. Fato esse analisado nesse relato de Severina Maia “Ela trabalhava voluntário, nenhuma parteira ganhava dinheiro, só dava alguma coisa se quisesse dar, mais ela não exigia. Principalmente essa que assistia comigo a velha Domdon”. Lembramos que todo esse esforço feito como já foi salientado, essas senhoras não cobravam. Tudo era feito em forma de gratidão.

Como o parto sempre foi enxergado como um momento de manifestação do divino, era no altar da igreja que essa gratidão era demonstrada. Assim, tornou-se prática comum entre as mulheres recém paridas darem um de seus filhos para que a parteira fosse madrinha

de igreja, no entanto pela falta de dinheiro, ou seja, das baixas condições socioeconômicas, essas mulheres não deixaram de demonstrar sua gratidão. Por isso, fato esse bastante ser em Salgadinho para aquelas que se dedicaram ao ofício de partejar terem tantos afilhados, principalmente filhos de umbigo que nem mesmo ambas podem definir com exatidão a quantidade.

No caso de dona Esmeraldina que foi atendida por Maria Tereza ela nos relata que “Foi sim da primeira, minha mãe foi madrinha de Maria Aparecida”. A senhora Severina Maria, quando questionada se tinha dado algum filho para ser afilhado da parteira que atendeu ela nos diz: “dei o primeiro, foi ela. Era Martinho Alves”.

Detectamos que o parto doméstico iniciado na cama não acabava quando o cordão umbilical era cortado, mas esse momento trazia consigo uma nova fase de cuidados com o bebê que mesmo no altar da igreja ainda não era o fim do parto, tendo em vista que a cada encontro e cada vez que a frase bênção madrinha era pronunciada por um afilhado, esse momento era recuperado na memória de quem vivenciou essas horas de dores e alegrias, de gritos e choros, demonstrando com isso que as parteiras de salgadinhos foram cidadãs fundamentais na construção da sociedade em que vivemos hoje.

CAPITULO IV: RESULTADOS E DISCUSSÃO: MULHERES EM CENA E O OFÍCIO DE PARTEJAR NAS ENCRUZILHADAS DO TEMPO - SALGADINHO

O ofício de partejar não é arte recente; sua realização data de milênios, a demonstrar que o ato de parir sempre se tratou de um processo socializado, ao mesmo tempo profundamente íntimo, no qual a mulher sempre buscou ajuda de outras para vivenciar a maternidade. Sendo o nascimento considerado desfecho de um evento biológico, fisiológico natural, social e familiar, essencial à manutenção da espécie humana.

Dessa forma, desde sempre a atuação nesse momento se deu exclusivamente por mulheres, sendo que os saberes e práticas por elas desenvolvidas foram transmitidos de umas para as outras, em formato de conhecimento e herança ancestral, ou seja, herança cultural passada de geração a geração que vai sendo modificada pelo povo de acordo com as mudanças e transformações constantes nas sociedades humanas que afetam a cultura com foco nos padrões, costumes, tradições e crenças herdadas dos nossos antepassados.

O ato de partejar, executado pelas parteiras, é mediado pela cultura. Está fortemente ligado aos sistemas de valores, crenças e costumes de um determinado grupo social. Neste sentido, as parteiras são mulheres que possuem vínculos com as mulheres e com as famílias da comunidade onde habitam, portanto parte daquela realidade sociocultural e o momento do parto que por sua vez, faz emergir lembranças da nossa ancestralidade.

Esses aspectos culturais em torno do parto aqui no Brasil foi descrito por Gilberto Freyre na sua obra *“Casa Grande & Senzala”*, quando ele demonstra por meio de sua escrita o choque dos intelectuais do modo como os povos nativos vivenciam esse momento. Foi descrito pela historiadora Mary Del Priore em sua obra *“Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidade e mentalidade no Brasil Colônia”*, uma abordagem mais completa sobre os aspectos sociais e culturais acerca do ofício de partejar.

O parto tradicional, herança ancestral, permite a interação social. Conta a história de um povo; reforça suas crenças, expõe suas emoções, define suas relações sociais e reafirma a identidade sociocultural coletiva. Este sistema de pertinências e significados se manifesta no parto. Assim o modo como se nasce; o local onde se nasce; a prática na forma de dar à luz e nascer e quem atende o parto é tão importante quanto o próprio ato de nascer, passando a integrar a memória sociocultural de uma família e de uma comunidade.

O desenvolvimento técnico-científico, o surgimento da Obstetrícia Moderna e a institucionalização do saber e das práticas das parteiras ao longo dos anos desapropriou o conhecimento tradicional das parteiras e o transferiu para instituições hospitalares e

profissionais de saúde como médicos e enfermeiras. O parto passou a ser um campo de saber médico, técnico-científico e institucionalizado, atendendo a uma lógica hospitalocêntrica que insiste em orquestrar ações de intervenção e medicalização dos corpos das mulheres, retirar o protagonismo delas no processo parturitivo e submetê-las a situações de violência obstétrica.

O ato de partejar, antes considerado uma prática exclusiva das mulheres, foi sendo gradativamente expropriado enquanto campo de saber e poder feminino, passando a ser visto como um conhecimento inferior à medida que o olhar androcêntrico das ciências tornou-se hegemônico ao produzir o campo de saberes sobre o corpo das mulheres, institucionalizando o parto.

A partir daí, o processo parturitivo deixou de ser um acontecimento da vida das mulheres, das famílias e da comunidade para se tornar um evento hospitalizado, medicalizado, cirúrgico, doloroso e violento de modo que o saber médico foi legitimado em detrimento dos saberes e práticas tradicionais das parteiras.

Outro fato marcante na trajetória desse ofício foi a produção de discursos médicos higienistas que transformou o parto de uma área de domínio exclusivo feminino realizado no lar, para uma área de domínio masculino, medicalizado realizado no ambiente hospitalar. Compreendemos assim o parto como um local de legitimação de poderes.

Sobre essas disputas pelo domínio do ofício de partejar obtivemos o discurso

O nascimento da obstetrícia como disciplina científica ocorreu na França, nos séculos XVII e XVIII, tornando-se uma especialidade da medicina. Isto viria a desapropriar, paulatinamente, as parteiras do direito de exercício de seu ofício e negar a validade de seu saber, consolidando a entrada dos homens no cenário do parto. (BRASIL,2010,p.26)

A partir desse momento temos uma marginalização da parteira, mas vale salientar que o saber médico estava restrito às zonas mais urbanizadas do Brasil, o que não é o caso de Salgadinho da década de 70 e 80, caracterizada por um município com uma ampla zona rural, o que fez com que as parteiras fossem um recurso essencial nessa conjuntura.

O ofício de partejar foi desempenhado por mulheres que residiam ou ainda residem nas várias comunidades que formam o município de Salgadinho como um meio de contornar as dificuldades que eram encontradas em se tratando de acesso a políticas de saúde pública. Conforme a definição do MS - Ministério da saúde, parteira é “aquela que presta assistência ao parto domiciliar baseada em saberes e práticas tradicionais e é reconhecida pela comunidade como parteira” (BRASIL, 2010, p.11)

Analisamos que as parteiras desempenharam um papel de grande importância social na conjuntura em estudo. Seus saberes variam de acordo com a forma como foram adquiridos, o ofício que em sua maioria pode ter sido adquirido pela herança familiar transmitido por mãe, avó ou tia, ou até mesmo uma conhecida.

Vale enfatizar, que o exercício do ofício pode ter se iniciado de forma repentina por necessidade da ocasião. Temos exemplos de mulheres que fez apenas um parto por necessidade do momento; Temos conhecimento de que o partejar pode ter vindo de uma experiência profissionalizante, seja em curso de enfermagem ou de auxiliar médico em hospital, sem necessariamente ter um conhecimento teórico na área de saúde.

4.1: As mães de umbigo

Para facilitar a compreensão do ofício de partejar nesse tópico discorreremos sobre a classificação estabelecida pela própria pesquisa sobre os tipos de parteiras que foram encontradas exercendo a função no município de Salgadinho durante as décadas de setenta e oitenta. Segundo Martins (2004, p.74 – 75) “não se pode falar das parteiras como se elas fizessem parte de uma mesma categoria social. Entre elas havia diferenças sociais e culturais importantes”, portanto estabelecemos essa divisão entre elas que com objetivo pedagógico classificamos as parteiras conforme as diferenças na forma como elas aprenderam tal ofício.

4.2: O Ofício de partejar como herança

Nessa categoria de parteiras temos mulheres que se tornaram parteiras por ocasião da influência familiar. Dessa maneira identificamos como fator importante, a rede de afetividade estabelecida entre essas mulheres que viveram nessa época, ao contrário de outra categoria de parteira que estudaremos mais adiante até porque as mulheres aqui descritas já tinham conhecimento prévio sobre o ofício de partejar no momento de realizar seu primeiro parto o que geralmente esse veio por acompanhar a parteira da sua família como uma espécie de assistente, salientando que esse saber só era transmitido a mulheres depois que essas se casavam, pois esse ofício era uma atividade tipicamente feminina que excluía de sua prática, as mulheres consideradas virgens, que eram tidas como inexperientes para lidar com assuntos voltados ao corpo e a sexualidade humana.

4.3 Entre história e memória: parteiras que atuaram no município de Salgadinho

Promover um debate acerca da história e memória é refletir sobre cultura; é perceber que a cultura se transforma e junto a isso aumentou as possibilidades de se resgatar e preservar as tradições e costumes advindos do passado; e reconhecer o valor social e representativo que o homem enquanto sujeito histórico tem no decorrer da história diante da sua capacidade de agir sobre o destino de sua comunidade ou sociedade; é lembrar o que não deve ser esquecido; é aproximar passado e presente que deve ser guardado como memória com perspectivas futuras; é compreender as relações sociais vivenciados pelas identidades locais, regionais e nacionais que fizeram parte da história de sua localidade.

Segundo Certeau (2011):

A relação da memória com a história vem sendo objeto de estudos constantes, em pesquisas individuais e coletivas, cujos significados vão desde relatos de acontecimentos passados, a outros pontos de vista. De acordo com os teóricos a memória aparece como arte, construída por fragmentos e detalhes que são lembrados, lembrados, muitas vezes esquecidos, ou apenas silenciados “longe de ser relicário, ou a lata de lixo do passado, a memória vive de crer nos possíveis, e de esperá-los, vigilante, à espreita”. (DE CERTEAU, 2011, p. 131)

O referido autor nos chama a atenção de que a memória e história podem ser construídas aproximando - a da realidade atual de forma individual e coletiva, nos quais o saber histórico, ou seja, as experiências de vida típicas de gerações passadas não fiquem silenciadas ou esquecidas até porque é preciso por meio do debate historiográfico compreender as diferentes dimensões relacionados à vida, contextos sociais e culturais específicos, além das questões relativas a história oral e social do cotidiano tradicional e atual, principalmente o conhecimento dos povos, mais precisamente lembrando da atuação das parteras integrantes do município de Salgadinho – Paraíba nas décadas de setenta a oitenta.

O tempo está sempre presente na memória, sendo esta, na concepção de Delgado (2010, p. 9), “[...] uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente”. O tempo está sempre presente na memória, sendo esta, na concepção de Delgado (2010, p. 9), “[...] uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente”. Relacionando-se com a história de forma dinâmica, história e memória são, segundo a autora (idem), “suportes na formação de identidades individuais e coletivas, formadas no processo das vidas em sociedade”.

A construção do conhecimento histórico nesse sentido é emergente numa sociedade cada vez mais plural e multicultural. Os saberes eruditos, popular, a história oral, os valores,

as práticas e ações realizadas pelos homens devem ganhar força quando se trata de abordagens históricas tendo como foco os eventos, fatos e acontecimentos importantes característicos das gerações passadas, em contrapartida das gerações presentes a partir de um olhar para o futuro.

Incorporando a problemática história e memória a partir dessa narrativa, em Salgadinho se tornaram parteiras por herança familiar as senhoras:

Maria Alves dos Santos



Figura 9- Maria Alves, mãe Didi

Fonte: Thirson Francisco

Conhecida como mãe Didi, nasceu em 25 de fevereiro de 1936, agricultora, casada com o senhor José Pedro dos Santos, conhecido como *seu* Nozim que residia no sítio Cedro, sendo que mãe Didi é a parteira mais conhecida na comunidade Salgadinho. A qual atuou durante uma grande temporada na região de São José, Bonfim da Batalha, Batalha, João Bento; foi uma das mulheres que como se diz popularmente “pegou” muitos dos salgadinenses. Essa ilustre senhora foi a principal inspiração para o início de nossa pesquisa.

Dona Didi nos relatou que recebeu o ofício de partejar por herança familiar através de sua avó que também era parteira. Acreditamos que por perceber essas dificuldades enfrentadas pelas mulheres em trabalho de parto, as próprias parteiras tinha o cuidado de transmitir esse saber-fazer para outras mulheres. A mesma revelou que depois de adquirir esse saber como assistente finalmente chega o momento de pôr o conhecimento em prática, fato que se deu ao fazer o parto de sua mãe que ocorreu por volta do ano de 1966, onde ela “pegou” um irmão seu, fato curioso aqui, pois ela além de ser irmã se tornou a partir desse

momento mãe de seu irmão, ou seja, mãe de umbigo, expressão essa popularmente conhecida na região. Por isso que usamos esse recorte temporal para delimitar nosso trabalho.

Tivemos informações que o último parto realizado pela senhora Maria Alves se deu no dia três de fevereiro de dois mil e quatro, na comunidade de São José da Batalha. Percebemos aqui como foi extensa a atuação de dona Didi que chegou quase aos quarenta anos servindo a população de salgadinho no desenvolvimento de sua função. Sobre esse último parto que se deu de forma curiosa podemos perceber no relato do senhor José:

Homi parece que a última que ela foi parteira foi o menino de Graça de Zé de Generino, essa mulher, ela aí pra ali, pra Juazerim, aí foi uma chuva muito grande, aí essa estrada aqui que você passa, o ri, aí era uma lama, aí o carro chegou e voltou com ela era até Mauricio que levava ela, diz ela que foi o derradeiro menino que ela pegou, aí Mauricio voltou com ela, aí foram buscar Didi, aí Didi chegou e fez o parto dela.

Observamos como foi essencial nesse momento a presença de uma parteira experiente como dona Didi, pelo fato de que a mulher estava em trabalho de parto e foi deslocada para a cidade de Juazeirinho, cidade onde na época era levada as mulheres em trabalho de parto, porém uma forte chuva que tinha acontecido na região impediu o carro de chegar ao destino final, sendo assim Dona Didi foi o único recurso presente para solucionar essa situação.

Dona Didi foi a responsável por colocar no mundo inúmeros salgadinhenses. Ela atendeu várias mulheres dentre elas:

*Ela fez parto até em Maria de Heleno, lembro uma vez Cosme que era *geme* que nasceu debaixo de um cajueiro aqui onde João de Odilon Morou ali, eles moravam numa barraquinha não tinha nem uma casa, eu me lembro foi Tati que era o *fi* mais velho e o outro e Bastim, foram buscar ela no sítio pra ali, aí ela veio, e fez o parto desses dois meninos os *gemes*, mais Damião morreu.*

Um importante acontecimento em sua atuação em serviço que deve ser motivo de história e memória é que foi dona Didi, quem realizou o parto onde nasceu o bebê que hoje é o atual Prefeito desse município, o senhor Marcos Antônio Alves. Outros cidadãos tiveram a oportunidade de ser atendido, assistido na hora do parto e cuidado no pós- parto seja mãe e filho por essa mulher tão dotada de sabedoria e prática tradicional de partejar

Iraci Maria de Gouveia



Figura 10 - Iraci Maria, mãe Iraci

Fonte: Carlos Martins

Conhecida como mãe Iraci, esta senhora nasceu no ano de 1928, hoje aposentada, no entanto, que viveu muito tempo dedicada à agricultura como a maioria das famílias existentes nesse município. Diferente das outras parteiras que foram entrevistadas, dona Iraci não reside no município de Salgadinho, entretanto mora no sítio Jatobá da Serra município de Taperoá, município esse que faz divisa com Salgadinho. Dona Iraci atuou nas comunidades de Salgadinho que fazem fronteira com Taperoá.

Atuou nas comunidades de Lagoa de Onça, Bugica, Umbuzeiro, Jatobá da Serra e outras comunidades de Taperoá. Foi uma parteira que rompeu fronteiras e atuou em dois municípios. Sua entrevista foi um pouco difícil por causa da surdes associada a um processo de esquecimento. Por isso recorreremos a sua filha, a senhora Lindines Elias de Gouveia para resgatarmos alguns fatos que mãe Iraci não se lembrava. Quando perguntada como aprendeu o ofício de partejar mãe Iraci declara “Ave Maria ai eu aprendi, sabe eu aprendi, ai Deus tirou ela Mãe Maria minha vó”

Assim como outras parteiras, mãe Iraci começou como auxiliar, para depois vir a exercer o ofício de partejar de forma independente. Em alguns partos realizados por ela, teve o auxílio de sua filha Lindines que descreve sua participação em um parto ao lado da mãe.

Sobre esse assunto ela nos relata “Fez dezesseis ano que eu participei de um. A mulher adoeceu aqui em Jatobá e não dava tempo levar para Taperoá ai eu fui com ela, ai eu auxiliei ela foi muito emocionante”.

Quando mãe Iraci foi perguntada se lembrava dos nomes de algumas mulheres, que foram atendidas por ela, ela responde “Eu me lembro de poucas *muié*, *cumade* Teresinha de *cumpade* Mané Tico, Maria de *cumpade* Zé Freire *né*, *cumade* Alzira, *cumade* Sivirina França”. Continuou declarando que atendeu: “Judí que eu peguei uma menina dela que é casada com um *fi* de Aliro, Beatriz que é a finada Bia”

Ela iniciou como parteira no ano de 1955 e continuou “pegando menino” até 1998, atuando durante 43 anos, como parteira e servindo as comunidades por meio de seu saber popular. Fato esse que merece destaque nessa produção historiográfica entre outras que poderão serem produzidas. Isso porque reconhecemos que um trabalho acadêmico voltado para a história oral, ou escrita ajudam aos indivíduos a pensar historicamente como os sujeitos históricos contribuíram ou contribuem com a dinâmica da história e memória acerca das pessoas nas épocas em que viveram ou vivem.

Luisa Paulina de Medeiros



Figura 11 - Luisa Paulina

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Residente na sede do município hoje ela é aposentada, no entanto viveu durante muito tempo dedicada a agricultura, nasceu no dia vinte e cinco de agosto de mil novecentos e

quarenta e um. Começou a realizar partos por volta de 1966. Diferente das outras mulheres que receberam o ofício de partejar por parte de uma mulher da família, dona Luisa como é conhecida aprendeu o ofício com uma comadre, a senhora Maria Josefa de Conceição, conhecida como Maria de Lourdes que foi uma parteira que também atuou na sede do município exercendo não só a função de parteira como também de enfermeira. Discorremos sobre ela mais adiante.

Sobre essa relação de troca de saberes estabelecida com Maria Josefa, dona Luisa nos afirma, como ocorreu essa ousadia:

Mais é por que eu toda vida fui *incherida* ai tinha uma *cumade* minha justamente era a enfermeira que pegava meus filhos onde ela tava eu tava mais ela apreciando o que ela fazia, ai um dia ela disse: *Cumade* Luisa nesses dias tu ta *pegano* menino pode continuar a me ajudar e pronto por ai eu fui *pegano*, tive pena porque não tinha leitura para aprender para fazer.

Dona Luisa perdeu a conta de quantos partos foram feitos por ela. Na sua fala notamos que ela não era alfabetizada de modo que vinhesse a se aperfeiçoar nessa área. Nesse caso, ela dava assistência buscando pôr em prática o seu saber popular do que aprendeu observando o que a enfermeira, sua comadre fazia. Isso equivale dizer que as experiências cotidianas foram a porta de entrada para que essa senhora aprendesse esse ofício.

4.4: Parteira por necessidade e as esclarecidas

Nessa categoria de parteira encontramos apenas duas senhoras, a senhora Maria Francisca conhecida como dona Domdon, aqui inserida por não ter aprendido o ofício por influência de outras mulheres, sejam da família ou apenas conhecida. A senhora Maria Tereza de Sousa, acreditamos que esse foi o tipo de parteira que mais enfrentou dificuldade porque chegou a fazer o primeiro parto sem nenhum conhecimento, entretanto por necessidade. A partir desse momento passou a ser requisitada para fazer esse tipo de atendimento, porém por falta de profissionais na área de saúde ela teve que suprir essa deficiência, sendo que o primeiro parto realizado com êxito, onde elas passaram a serem procuradas com mais frequência.

Maria Francisca de Jesus



Figura 12 - Maria Francisca, dona Dondom

Fonte: Severina Maia

Conhecida como dona Domdon, viveu dedicada à agricultura. Residia no sítio Bonfim da Batalha e exerceu a função de parteira durante a década de setenta auxiliando mulheres no Bonfim, em São José da Batalha, no Olho D'Água e na comunidade de Serra de Santana, esta município de Junco do Seridó. Dona Domdon foi uma parteira que teve influência dentro e fora do município que residia, rompendo com as fronteiras geográficas para atender quem necessitava mediante o seu saber-fazer.

Discutindo sobre a área de atuação de dona Domdon obtivemos o relato:

Fez, fez nas comunidades de São José de Batalha (antiga Cham), aquela menina Dora de Zé de Gererino teve um bocado com ela, que ela assistiu a menina estava laçada ai foi que deu o nome a ela, em São José da Batalha, Grotão, nessa região ai (apontando) todinha só tinha ela mesmo, depois dela apareceu outra, que foi a mulher de Nozim.

Em se tratando de algumas mulheres que foram atendidas por ela, podemos elencar, conforme nos foi informado:

Teresinha Faustino, foram 16 meninos, Irene Mendes, Das Neves, Aguída, e... deixa eu ver quem foram as outras Tereza de Roque, Nenem, Maria de Luisana, Luízia Ferreira, aquelas outras do povo de Berlarmino, Luisa, deixa eu ver que era as outras... Inácia de Antonio Mendes, Noemi, e mais ali no...povo de Mané Belo também aquele setor, Rosa de Luiz Belo e mais que eu não estou lembrada.

No caso de dona Domdon, na região que atuou conseguimos informações por meio dos relatos que, ela foi a parteira mais velha que tivemos, depois dela veio dona Didi, vindo a atuar nessa mesma região.

Maria Tereza de Sousa



Figura 13 - Maria Tereza, dona Maria

Fonte: Lindaure de Sousa

Natural de São João do Carari, Maria Tereza de Sousa nasceu no dia dois de outubro de 1922. Veio morar em Salgadinho após o casamento com o senhor Manuel Severino de Sousa por meio da compra de um terreno na comunidade do Olho D'Água; era agricultora, costureira, comerciante, fazia cocadas, sequilhos, pavios de algodão para lamparinas, trabalhava de ganho fazendo o combate de formigas nos roçados dos seus vizinhos por possuir uma bomba usada para fazer o combate desse tipo de animal. Era ainda artesã.

Morou por toda a sua vida no Olho D'Água, comunidade essa onde atuou como parteira por 35 anos. Deixou de exercer o ofício por que foi diagnosticada com mal de Parkinson. Faleceu em 1999, portanto sua história nos foi narrada por duas de suas filhas: Esmeraldina de Sousa que deu à luz a uns de seus filhos, tendo ela como parteira. A outra filha, a caçula é a senhora Maria de Lourdes de Sousa.

Segundo sua filha Maria de Lourdes, algumas mulheres da comunidade que foram atendidas por ela foram “Noquinha, eu conheço por Noquinha, Iracema, Luzia de Zaquie e fez parto da própria filha, de Vanda, fez de Esmeraldina também o parto de Aparecida”.

Ao resgatarmos a trajetória dessa mulher nos surpreendemos com uma característica só sua como parteira. No entanto tivemos o privilégio de resgatar em suas memórias que foi o fato dela parteira realizar durante o parto das mulheres que eram atendidas como declaração de sua filha uma prática de adivinhação chamada onfalomania, que se dava da seguinte forma:

Toda mulher que ela assistia, fazia o parto ela declarava para a mulher quantos filhos a mulher iria ter ou se já tinha encerrado depois ela passou para nós que a mulher só deve fazer ligação quando ela tem mais de trinta anos, porque na placenta reza o tanto de filho que ela vai ter é uns nozinhos. Ela tinha que ter ou já tinha tido, ela dizia pronto você já pode encerrar, pois na sua placenta já reza a quantidade de filhos que você ia gerar.

Infelizmente por se tratar de uma parteira que já faleceu não temos como obter mais detalhes, sobre essas particularidades que a mesma demonstrava. Observamos que a questão do saber é muito importante para a cultura, tendo em vista que as peculiaridades existem, porém cada saber deve ser valorizado porque cultura é conhecimento entre outros conceitos já citados nesse trabalho.

Inserimos nessa última categoria, as parteiras que atuaram no município de Salgadinho, as quais tiveram uma espécie de curso na área de saúde para atuar com partos, ou um contato com um médico que passou algumas orientações sobre o modo como partejar. Debatendo sobre esse tipo de parteira temos na obra *Visões do Feminino: medicina da mulher nos séculos XIX e XX*, a definição desse tipo de parteira quando a autora Ana Paula Vosne nos apresenta;

Algumas parteiras eram bastante experientes, tendo o mesmo nível de conhecimento dos cirurgiões, senão até maior, além de informar sobre as estratégias de legitimação de seus trabalhos mediante as relações com os próprios cirurgiões.

Nessa categoria notamos que seus usos se diferenciam das demais em alguns aspectos, só que as devoções na hora do parto e o uso de bebidas permaneciam como características dessas parteiras consideradas mais esclarecidas por ter adquirido um pouco de conhecimento com um especialista no assunto. O resto, aprendia no dia a dia. Só que em termos de uso de bebidas e as devoções fazia parte da cultura da época.

Maria Josefa de Conceição

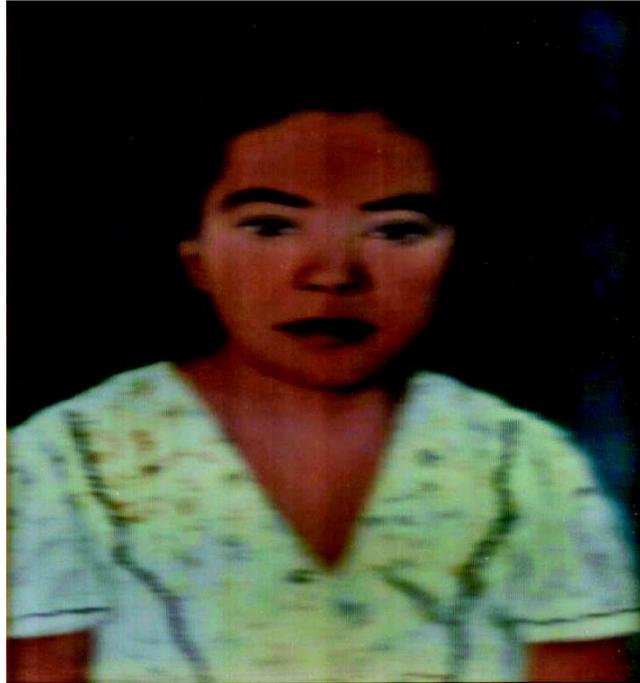


Figura 14- Maria Josefa, Maria de Lourdes

Fonte: Iranilda Oliveira

Conhecida como Maria de Lourdes foi a primeira enfermeira que se tem conhecimento na história de Salgadinho, que fez o curso de enfermagem na cidade do Recife. Trabalhou em uma maternidade na cidade de Patos, atuou em várias áreas na comunidade de Salgadinho.

Quando questionada sobre a profissão da mãe, dona Irani nos declara:

Ela era professora, costureira, paneleira, fazia panela de barro, plantava muita horta, trabalhava em agricultura, muitas coisas ela fazia muita, muita mesmo. Ensinava de noite, ensinava de tarde era professora pelo município, e como é que se diz? professora particular, muita gente de idade de salgadinho como Janduí, Renira, Joaquim. Todos estudaram com ela.

Identificamos que a senhora Irani é detentora de um amplo conhecimento, coisa rara, na população da época. A senhora Maria Josefa conseguiu se projetar em diversas áreas que vai desde a saúde ao artesanato. Atuando como professora foi responsável pela formação de Janduí Marcolino que futuramente se tornou Vereador e foi essa parteira quem ajudou- o a vir ao mundo. O bebê Suetônio, hoje exercendo cargo eletivo de Vereador na Câmara Municipal de Salgadinho também foi atendido por dona Maria Josefa.

Devido à vasta experiência na área, dona Maria Josefa não realizou apenas partos mais segundo sua filha:

Assim se pessoa tivesse sentindo dor ela aplicava injeção se a pessoa tivesse hemorragia ela aplicava para cortar a hemorragia, se tivesse com dor assim depois do parto ela aplicava injeção, ela fazia curativo, ela pontiava ela fazia tudo, que ela era formada ela trabalhou em Patos, quando ela trabalhou em Patos, na maternidade ai ela foi transferida par aqui, quando ela foi transferida pra qui depois de seis meses, não sei político, ela não sabe nem o motivo porque tiraram ela, ela ficou trabalhando por conta.

Dona Maria Josefa quando foi impossibilitada de exercer sua função de enfermeira pela prefeitura, abriu em sua casa uma enfermaria onde passou a atender as pessoas que necessitavam de seus serviços de assistência e cuidados com a saúde.

Severina Maria do Maia



Figura 15 - Severina Maia, dona Nininha

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Dona Nininha como é mais conhecida pela população local, nasceu no ano de 1941, reside atualmente no sitio Bonfim da Batalha, comunidade essa onde foi cenário de sua atuação como parteira. Atuou em várias áreas para além da saúde. Foi professora, costureira, merendeira e hoje aposentada ainda trabalha na agricultura e atua como ministra na igreja de Nossa Senhora Aparecida que fica na mesma comunidade em que ela mora. Atualmente ficou viúva. Adquiriu um pouco de conhecimento na área de enfermagem através de um curso mais prático do que teórico realizado no Hospital de Soledade ao lado de um dos médicos mais conhecidos da Paraíba, o doutor Antonio Ivo de Medeiros, já falecido.

Em relação ao início dessa experiência, dona Nininha nos relata:

Era perto dele, a todo instante porque ali ele ia explicando o que era de fimose, vesícula, e cirurgia normal, *otas era* cesário, *otas* ligação, tudo isso não tinha escolha não. Primeira vez que eu fui parece que eu, quando ele

cortou que o sangue voou parece que me quis dar um negócio assim (gesto de nojo), ai pronto eu me firmei ai pronto não quis dar mais não, agente quando vê a primeira vez tem aquele susto né, ai pronto passou dali eu não tava nem ligando mais.

Um fato lamentável é que Dona Nininha não pôde concluir o curso por dois motivos: primeiro devido a um acidente que sofreu, vindo a quebrar uma perna. Por último quando sarou de sua perna pensou em retornar para concluir seu curso, entretanto o doutor Antonio Ivo tinha se afastado do hospital para disputar as eleições na cidade de Santa Luzia, dificultando e encerrando assim um sonho que ficou no meio do caminho.

Apesar do curso incompleto, no entanto, por causa da necessidade, Dona Nininha passou a atuar como enfermeira, sendo que em sua atuação chegou a praticar partos, tendo o seu trabalho como parteira reconhecida. Em seguida recebendo um convite para atuar no Hospital de Taperoá, fato que ela narra da seguinte forma “mas até a parteira de Taperoá, queria, me convidou para ir para lá para ir trabalhar lá mais ela quando terminou eu disse: não vou não, porque era mais ruim lá não porque em Soledade era melhor, esperava o médico lá em *Juazeirim*”

O primeiro parto realizado por dona Nininha ficou marcado em sua memória, que ocorreu com dificuldade, porque se tratava de um aborto que ela nos relata de maneira detalhada:

Ai quando eu cheguei lá o menino tinha nascido os pés, só os pés dentro do saco d'água desse tamanho assim (gesticulando com as mãos o tamanho), ai quando foi dali foi um sacrificio pra tirar, fazendo os *esforço* que eu fiz assim no corpo dela, ora força para tirar uma coisa daquela não tinha como porque ela tava se desmanchando a criança. E ela chorando dizendo que sabia que ia morrer. Eu disse morre não eu tive onze meninos, não morri porque você só com um vai morrer, morre nada, mas eu vendo que o negócio era complicado, porque agente não vai dizer não aqui ta ruim, não aqui ta bom, aqui não tem nada de mais não mulher, ai eu disse eu vou fazer aqui um esforço vou lhe ajudar aqui o que você sentir dor mesmo você, ai foi comecei a *encarcar* ali, ela tinha um mioma como ela ainda hoje tem, como ela ainda hoje tem Luciano Morais disse que ela tinha três era pai, mãe e filho esse mioma dela, tem dia que a mulher ta com a barriga desse tamanho (gesticulando o tamanho da barriga), tem dia que ela ta quase normal não sei como é um negócio daquele, outro dia quando agente chega lá a mulher ta aquele rolo assim (gesticulando com as mãos em forma de circulo), ai eu disse a ela: Helena põe a tua mão aqui desse lado que é pra segurar aquilo é duro, ai Helena segurou e eu fui forçar nessa outra parte aqui (apontando para o lado esquerdo da cintura dela), até quando a criança começou a descer eu já peguei umas fraldas e fui enfaixando, porque não tinha onde agente por o dedo se desmanchando, ai tirei aquilo ali até o pescoço e disse agora é com você eu não posso fazer mais nada, ai comecei a forçar, quando vier uma grande, grande mesmo você. Mandei fazer logo uma garapa para evitar de

dar hemorragia, por que a garapa fervida evita de dar hemorragia, ai a mãe teve tão amedrontada que não soube fazer ai eu deixei ela e fui fazer, ai fiz a garapa e dei ai ela tomou ai ela fez força para botar para passar a cabeça da criança, mas o *bichim* tão *cabeludim* chega o cabelo batia aqui assim (apontando para a altura do seu ombro) no *pescocim* mais só tinha branco isso aqui (apontando para o lábio dela) a outra parte toda avermelhada, toda se *dismanchando* e outra a segunda.

Identificamos pela riqueza de detalhes de como foi complicado o episódio narrado, como foi útil a presença de dona Nininha nesta hora só que um fator fundamental diante dessa situação complexa foi a rede de afeto estabelecida durante a execução desse parto pelo cuidado da parteira com o lado psicológico da mulher em trabalho de parto e da mãe dela que mostrava-se preocupada com medo e ansiosa.

Quando indagadas se gostaram mais do parto hospitalar ou domicílio a resposta nos surpreende. Observe o relato de dona Severina que teve seu último parto no hospital:

Em casa era muito mais confortável que no hospital, foi muito melhor, a *derradeira* também deu trabalho para nascer. Era que agente ficava tranqüila em casa, ficava dois dias de repouso, quem *descasa* na maternidade não tem repouso não, quando tem o primeiro filho já se levanta, daí já vai tomar banho, dentro de casa tinha repouso tomava banho com água morna, não tomava com água fria e ficava deitada repousando mesmo e quem ganha na maternidade nem fica de repouso lá, e quando sai de lá já vem *batendo* dentro de carro nessas estradas.

A senhora Iranilda acrescenta: “Ah! Dez mil vezes minha mãe, porque lá no hospital elas *quase me matava se atreparam* em cima de mim, *butaram* o joelho aqui no meu estômago eu passei um mês doente”. Identificamos no relato da citada senhora uma das características bem negativa do parto hospitalar, a violência com o qual esse foi conduzido pela equipe que atendeu essa senhora. Esse aspecto do sofrimento é perceptível no relato da senhora Iracema Pereira: “Eu achei melhor ter em casa, do que ter no hospital porque eu ia morrendo no hospital também, sofri muito para ter Ivan”. Apesar de todos medicamentos prescritos e manobras usadas no parto hospitalar, o sofrimento é ressaltado por essas mulheres que em suas falas preferem os cuidados da parteira do que com o médico com toda a sua equipe.

Quando indagada se não fosse a presença das parteiras o que aconteceria? A resposta dada nos permite compreender com mais precisão o quão útil foram elas. Veja o relato da senhora Esmeraldina:

Ia para Campina Grande em cima de um pau-de-arara deitada num colchão quase morta para os médicos fazer a dinheiro, era trezentos, trezentos reais ou duzentos que o médico fazia e a parteira fazia por cem reais mais era a minha mãe e eu não pagava nada.

Notamos que há uma ênfase na fala de nossa depoente que ressalta o fato de outras parteiras cobrarem por seus serviços e no caso a que a atendeu não fazia essa cobrança, também percebemos, que ela relata com vivacidade o sofrimento enfrentado pela grávida ao ser transportada para Campina Grande em cima de um carro, sendo assim compreendemos o ofício de partejar como uma atividade com as marcas da caridade de aliviar o sofrimento do outro e proteger a vida como foi dito pela senhora Iracema Pereira quando perguntada se não fossem as parteiras ela responde no “nordestines” fluente da seguinte forma “*Oxente tinha morrido né cumpade*”.

Tema desse nível baseado nos discursos dos autores citados nessa pesquisa nos leva a refletir como o debate historiográfico e a História acerca de temas antigos estão sendo vistos pela comunidade acadêmica como novos objetos de estudos, sobretudo não deixando o passado ou cultura ser esquecida. Assim, compreendemos o quanto é importante a participação do historiador para que este resgate, sendo que identidades femininas, assim como outros assuntos não sejam esquecidos como nos mostra o intelectual Hobsbawm (1995, p. 13), em sua obra *Era dos extremos: o breve século XX -1914 – 1991*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O saber médico que reflete a soberba do meio acadêmico onde é produzido desdenha do saber ancestral das parteiras rotulando esse como termo pelos quais podemos perceber esse desprezo, pois seus usos são descritos na produção médica, como práticas rudes e arcaicas, mais produto do misticismo popular que de nada valem como podemos perceber pelo que diz J. Rezende no livro *Obstetrícia* (1979), quando o autor faz colocações demonstrando que tais figuras femininas eram vistas como ignorantes com pouco conhecimento, porém devido serem vistas feiticeiras por pessoas da sociedade de outrora, tendo como base as crendices e uso de bebidas alcoólicas, essas mulheres poderiam mais atrapalhar ou complicar a parturição do que ajudar.

Nossa pesquisa indicou que no município de Salgadinho como temos enfatizado foi de muita relevância, a atuação das parteiras durante a década de setenta e oitenta, sendo essas décadas o período áureo delas. Fica a indagação: Será que essas parteiras eram representantes de práticas ultrapassadas, reflexo da ignorância e do misticismo com o qual supostamente seu ofício estava envolvido como nos foi mostrado nesse trabalho em discursos bibliográficos, tendo em vista que durante a nossa pesquisa encontramos mulheres que tiveram a oportunidade de ter filho nos dois ambientes, seja em casa com a parteira e no hospital com o médico.

Ao analisarmos as trajetórias dessas mulheres identificamos como elas foram importantes na construção da sociedade salgadinhense, não só das décadas de 70 e 80, elas lançaram as bases da atual sociedade. Analisemos como foi necessário o desenvolvimento dessa cultura de partejar em Salgadinho pela ênfase nas falas de nossas depoentes. Importância essa evidenciada no relato da senhora Ester Mota, quando ela nos fala sobre a atuação da parteira que a atendeu “ela já era mãe a primeira mãe que eles viram primeiro foi a parteira. Notem que a expressão “a primeira mãe”, associada a primeira pessoa que o nascituro viu o rosto ao entrar no mundo. Assim, esse relato demonstra perfeitamente a complexa teia afetiva que envolvia as protagonistas do parto.

Os resultados encontrados nessa pesquisa indicaram que as parteiras deixaram suas marcas na história de Salgadinho que por sua vez está arraigada na história da cultura brasileira pelos saberes que aliviaram as dores das mulheres em trabalho de parto de modo que suas mãos trouxeram vidas ao mundo; suas tesouras cortaram fios separando mães e

filhos, dando ao nascituro um novo caminho para trilhar em sua vida com mais independência; seus braços foram o primeiro abrigo dos seus filhos não nascido em seu ventre mais gerado em seu coração; as secreções que envolvia o corpo do recém-nascido foram removidas por um banho dado por elas.

Em alguns casos até mesmo o primeiro alimento recebido pelo bebê foi preparado por uma dessas mulheres que se dedicaram aos cuidados do próximo. Logo, os cuidados dados por ela não estavam restrito ao momento do parto, porém durante o resguardo da mulher, elas estavam ali ao lado de quem necessitasse de seu socorro até porque são mulheres “cujas as mãos tecem o tecido vivo da história” (BOSI, 2008, p. 19). Consideramos que seus exemplos são um monumento á caridade, demonstrando que as mulheres são agentes produtores e modificadores do espaço em que estão inseridas.

Isso equivale dizer que as literaturas especializadas expostas nesse trabalho assim como os relatos concedidos pelos sujeitos investigados revelaram dados importantes acerca dos conceitos históricos como sujeitos, identidade, cultura, trabalho, tempo, espaço e relação de poder, tendo como foco a história associados ao conhecimento e vida prática de grupos, a exemplos das parteiras de Salgadinho que com suas diferenças e especificidades, precisam ser respeitadas e reconhecidas socialmente enquanto cidadãs que exercem direitos e cumprem deveres, sobretudo foram essas figuras femininas que exerceram funções sociais que contribuíram para a História do Brasil com presença ativa em situações que envolvem o ato de partejar, em especial em Salgadinho.

Lacunas existem nessa perspectiva pelo fato de que a mulher, em especial a Nordestina desde tempos remotos, mais precisamente no Brasil – colônia, principalmente na contemporaneidade ainda vem sendo tratada de forma simplificada, sendo estas identidades que participaram e participam da vida em comunidade; formam os grupos populacionais femininos que amplia a diversidade cultural do Brasil. Compreender essa historicidade é analisarmos que respeitar qualquer ser humano, a exemplo da mulher parteira e tratá-lo com dignidade porque consideramos uma causa emergente que está atrelada a ideia de direitos humanos e de atitudes que ajudam vidas a vir o mundo.

Busquemos analisar através delas o saber-fazer das mulheres salgadinhense, revelando suas práticas e o modo de se relacionar com o corpo, já que essa produção trata de uma história narrada por quem vivenciou esses fatos. Trabalhando a atuação das parteiras, sabendo que esse ofício trata de uma arte milenar já mencionada nos escritos judaicos, tracemos a zona de influência dessas “mães de umbigo”, onde adotemos uma perspectiva de uma história do

cotidiano, relativa à micro-análise de Salgadinho, o que não é uma história das massas, no entanto uma história de indivíduos, as quais foram e são dotadas de habilidades e competências com ênfase na sua cultura.

Refletir sobre o que investigamos e resgatamos em relação ao passado delas, enquanto parteiras, nos leva a uma discussão mais ampla ao traçar as trajetórias dessas mulheres através de suas lembranças, marcadas por aspectos antagônicos de vida, morte, alegria, tristeza, superação e medo. Faz-se necessário repensar a experiência das parteiras com a tarefa de ajudar a conceber vidas e como a cultura tradicional desenvolvidas em décadas passadas influenciou na cultura atual.

A pesquisa contribui para que o leitor possa compreender que a arte de partejar é considerada como uma prática social importante, apesar do não conhecimento científico ou médico de quem exerceu ou exerce essa profissão, tendo em vista que em tempos contemporâneos é observado que mães ainda tem seus partos em suas residências; umas porque não dá tempo de chegar ao hospital, entretanto após o parto, esta tem que se deslocar com o bebê até uma Unidade de Saúde para que sejam feitos os devidos procedimentos.

Portanto acreditamos pelo que vivenciamos sobre o cotidiano das parteiras que atuaram no município de Salgadinho que são pessoas dignas, as quais com olhos ansiosos e com fortes expectativas, assim como o pai à espera da chegada do seu filho(a) deu para observar que ao narrar as suas histórias, ambas sabiam que em suas mãos estavam as vidas da mãe e da criança; Acreditamos que em seu pensamento estava o desejo de fazer o melhor; em seu coração a devoção às santas auxiliares das grávidas; em seus lábios, os constantes rogos pelas vidas para que corresse tudo ocorresse tudo de forma harmoniosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACKER, Justina Inês BrunettoVerruck et al [...]. As parteiras e o cuidado com o nascimento. *In: Revista Brasileira de Enfermagem REBEn*. 2006, Lajeado. **Anais**. Lajeado: UNIVATES, 2006. p. 647- 651.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes: **Usos e Abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BEAUVOIR, Simone de, **O Segundo Sexo: fatos e mitos**; tradução Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOSI, Ecléa: **Cultura de Massa e Cultura Popular: Leituras de operários**. 12. Ed. Petrópolis, Vozes, 2008.

_____. **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos**; 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL, Ministério da saúde. **Parto e Nascimento Domiciliar Assistidos por Parteiras Tradicionais** [recurso eletrônico]. Brasília: Editora do Ministério da saúde, 2010.

BRITO, Vanderley de; **A Pedra do Ingá**; 7 ed. Campina Grande: Eric Brito Editor, 2015.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.): **Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia**; 16 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CERTEAU, Michel de: **A Invenção do Cotidiano 1 Artes de fazer**; 22 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

----- . **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CHALHOUB, Sidney et. al. (org.). **Artes e Ofícios de Curar no Brasil: capítulos de história social**; Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 2003.

CHARTIER, Roger: **A História Cultural Entre Práticas e Representações**; Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

CUNHA, Franklin: **Deusas, Bruxas e Parteiras**. Porto Alegre: Solivros, 1994.

DELGADO, L. DE A. N. **História oral: memória, tempo, identidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DEL PRIORE, Mary: **Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____ (org.). **História das Crianças no Brasil**. 7 ed.- São Paulo: Contexto, 2010.

_____ (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

FARIAS, Degiane da Silva: **Entre o parto e a benção: memórias e saberes das mulheres que partejam**. 2013. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Pará, Pará, 2013.

FIORUCCI, Rodolfo. História oral, memória, história. *In: História em Reflexão*. 2010, Dourados. **Anais**. Dourados: UFGD, 2010. P 1- 17.

FREYRE, Gilberto: **Casa Grande & Senzala: a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51 ed. São Paulo: Global, 2006.

HALBWACHS, Maurice: **A Memória Coletiva**; tradução de Beatriz Sidou; São Paulo: Centauro, 2003.

HIDRATA, Helena... [et al.] (org.): **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: O breve século XX. 1914 – 1991**. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques: **História e Memória**; tradução de Bernardo Leitão... [et al.]. 5 ed, Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003.

MAIA, Luna Maia: **Com o Poder de Deus nas Mãos: concepções das parteiras acerca da vivencia do parto numa perspectiva espiritual**. 2013. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

MARTINS, Ana Paula Vosne: **Visões do Feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

MATOS, Julia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de: História oral como fonte: problemas e métodos *In: Historiae*. 2011, Rio Grande. **Anais**. 2011. p. 95- 108.

MENDONÇA, Antônio G. *et al.* **Religiosidade Popular e Misticismo no Brasil**. São Paulo: Ed, Paulinas, 1984.

PERROT, Michele: **Os Excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros**; tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____ : **Minha História das Mulheres**; tradução de Angela M. S. Côrrea. 2 ed, São Paulo: Contexto, 2016.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. 1. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

RAGO, Margareth; As mulheres na historiografia brasileira. *In: Cultura e História em Debates*. São Paulo: UNESP, 1995.

SANTANA, Flavio Carrero; MONTEIRO, Luíra Freire (Orgs.): **História: tramas do tempo impressões do vivido**; João Pessoa: Ideia, 2017.

SANTOS, Juaci Oliveira dos: **A Seca de 1970 em Salgadinho - PB: sociedade, saque e migração**. 2015. Monografia. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 20015.

SILVA, Josinaldo Gomes da: **Salgadinho- Paraíba, 50 Anos de Emancipação Política: memória e cotidiano**; Campina Grande: livro não publicado, 2012.

THOMPSON; Paul: **A Voz do Passado: história oral**; Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FONTES ORAIS:

GOUVEIA, Irací Maria de: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.

GOUVEIA, Lindines Elias de: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.

JESUS, Iracema Olindina de: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.

MAIA, Severina Maria do: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.

MEDEIROS, Luisa Paulina de: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.

NOBERTO, Ester Mota de Farias: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.

NÓBREGA, Esmeraldina de Souza: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.

OLIVEIRA, Iranilda Maria de: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.

SANTOS, Iracema Pereira dos: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.

SANTOS, José Pedro dos: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.

SILVA, Maria de Lourdes Souza da: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.

APÊNDICE (A)

Roteiro de entrevista

- 1) Qual o seu nome completo, data de nascimento e quanto tempo atuou como parteira?
- 2) Como era o cenário histórico da época em relação ao acesso, dificuldades a hospitais e cuidados médicos?
- 3) Como aprendeu a exercer a atividade de partejar?
- 4) Tem lembrança do primeiro parto?
- 5) Utilizava medicamentos, bebidas, rezas, chás, e ervas durante o parto?
- 6) Fazia em média quantos partos?
- 7) Qual era a posição da mulher durante o parto?
- 8) Quais eram as dificuldades no exercício do ofício?
- 9) Realizava abortos?
- 10) Teve ocorrência de mortes de mulheres ou crianças durante o parto?
- 11) Teve a ocorrência de fetos com má formação?
- 12) Quais os utensílios utilizados para cortar o cordão umbilical?
- 13) Qual era o método de esterilização dos utensílios?
- 14) Quais os parentes presentes durante o parto?
- 15) Quais os cuidados com o cordão umbilical?
- 16) Quais os cuidados com o bebê depois de nascido e o que era feito com ele?
- 17) Qual o perfil de pessoas que buscavam seus serviços?
- 18) Ganhava algum dinheiro pelo serviço prestado?
- 19) Tinha carta de atuação?
- 20) Qual a reza, amuleto, imagem, bebida ou chá utilizado e qual a receita?